Capítulo I

Crise de paradigmas e repercussões na sexualidade humana¹

Introdução

A sexualidade humana, ao ser discutida, não pode prescindir de uma análise, mesmo que breve, da sociedade atual e suas expressões culturais multifacetadas². A sociedade moderna se revela na sua diversidade, pela sua riqueza de setores, certamente marcada por uma cultura globalizada³. A cultura, compreendida como um processo vivo e dinâmico, infere no mundo sempre de forma a “produzir, utilizar e transformar os modelos em questão”⁴, como verdadeiros sistemas em permanente adaptação. É nesse contexto de sociedade que a Igreja lança o seu olhar e abre-se ao desafio de uma evangelização que não a libera da exigência de um diálogo que procure entender e responder às grandes questões do homem

¹ Para este capítulo estes dois autores são imprescindíveis no tema pesquisado: MARDONES, J. M., *Postmodernidad y Cristianismo: El desafío del fragmento*, 2. ed. Bilbao/Santander. Editorial Sal Terrae, 1988; *Postmodernidad y neoconservadurismo: Reflexiones sobre la fe y la cultura*, Navarra: Editorial Verbo Divino, 1991; LIPOVETSKY, G., *A era do vazio: ensaio sobre o individualismo contemporâneo*, Lisboa: Relógio D' água Editorial, 1983; *O Crepúsculo do Dever: a ética indolor dos novos tempos democráticos*, Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1994. O autor escreveu também as seguintes obras que aparecerão ao longo do trabalho: *O Império do Efêmero* (1987); *A Terceira Mulher: permanência e revolução do feminino*, São Paulo: Companhia das Letras, 2000; *Os Tempos Hipermodernos*, São Paulo: Barcarolla, 2004; *Metamorfoses da cultura liberal. Ética, mídia e empresa*, Porto Alegre: Editora Meridional LTDA, 2004.

Ainda sobre os autores: JOSÉ MARIA MARDONES, é doutor em sociologia e teologia. Estudou em Deusto (Bilbao) e Tübingen (Alemanha). Atualmente trabalha como pesquisador no Instituto de Filosofia do CSIS (Madri); publicou outras obras como “Dialéctica y sociedad irracional. La teoría Crítica de M. Horkheimer” (1979); “Razón Comunicativa y Teoría Crítica (1985) y las relaciones Fe – Cultura” (Teología e Ideología, 1979); “Sociedade moderna y cristianismo” (1985); “Raíces sociales del ateísmo moderno” (1985); “Capitalismo y religión. La religión política neoconservadora” (1991). GILLES LIPOVETSKY, é professor de filosofia na Universidade de Grenoble (França), considerado hoje um dos maiores sociólogos franceses especialista em “pós-modernidade”; recebeu em 2001 pela Universidade de Sherbrooke, Canadá o título de *Doutor Honoris Causa*.

² Entende-se por cultura “uma totalidade complexa que abrange conhecimento, crença, arte, moral, costume, e quaisquer capacidades e hábitos adquiridos pelo ser humano como membro da sociedade” Cf. TAYLOR, E., *Primitive Culture I*, London, 1871,1, citado em FRANÇA MIRANDA, M., *Inculturação da Fé. Uma abordagem teológica*, São Paulo: Loyola, 2001, p.42, Ibidem, p 47, citando AZEVEDO, M., in: *Comunidades Eclesiais de Base e inculturação da fé*, São Paulo, 1986, p. 336, descreve cultura como: “conjunto de sentidos e significações, de valores e padrões, incorporados e subjacentes aos fenômenos perceptíveis da vida de um grupo social concreto, conjunto que, consciente ou inconscientemente, é vivido e assumido pelo grupo como expressão própria de sua realidade humana e passa de geração em geração, conservado assim como foi recebidos ou transformado efetiva ou pretensamente pelo próprio grupo”.

³ Cf. FRANÇA MIRANDA, M., *Inculturação da Fé. Uma abordagem teológica...*, op.cit., p. 9.

⁴ Ibidem, p.44-45.

“pós-moderno”⁵. Certamente as expressões estão permeadas de uma pluralidade de linguagens que vem tocando todos os setores da sociedade, inclusive a vida eclesial. Apresentar a moral ao mundo de hoje tem um risco e requer coragem que só se consegue superar com a correspondente proporção de otimismo, entusiasmo e profunda convicção dos valores do Reino de Deus⁶. Sob o ponto de vista pastoral, no aspecto da linguagem, esta não pode ser deixada de lado, pois se trata de um grande e difícil desafio para a evangelização. Comunicar bem e adequadamente os valores do Evangelho, as nossas experiências de fé, no mundo atual, marcado pela descrença, pelo individualismo, pela indiferença e pelo neoneo-narcisismo é a grande urgência que nos interpela e desacomoda, e não nos permite esquecer que o anúncio da Boa Nova se incultura, solicitando sempre uma adequação de linguagem conforme o caminhar do tempo e da história⁷.

Neste capítulo, procuraremos apontar os traços mais relevantes com que a pós-modernidade tem se apresentado e seus efeitos sobre a sociedade e sobre o homem no que diz respeito à sexualidade. Certamente este texto não pretende esgotar e alcançar na sua completude os “tentáculos” desses efeitos, porém um panorama será mostrado, mesmo em meio aos desafios de um tempo que corre em alta velocidade.

1

Sociedade pós-moderna e repercussões na área da sexualidade humana

Há uma nova configuração social trazendo implicações inegáveis na forma do cristianismo relacionar-se com o mundo. Uma perda da hegemonia simbólica

⁵ A terminologia “pós-modernidade” será apresentada ao longo deste capítulo a partir de posições assumidas dos autores que foram consultados para este trabalho. Verificamos uma diversidade de posições em relação à terminologia, pois alguns já determinam o tempo em que vivemos, como sendo de “pós-modernidade”, outros a determinam como “modernidade tardia”, e outros preferem manter a terminologia como “modernidade” ou “modernidade em crise”, porém trazendo as diferenciações que são nitidamente percebidas a partir do século XX e agora século XXI. Não temos a intenção de realizar uma análise sociológica, mas buscamos nos sociólogos consultados uma explicação do tempo presente para iluminar o nosso objeto de estudo, que é a sexualidade humana.

⁶ Cf. AZPITARTE, E., *Fundamentação da ética cristã*, São Paulo: Paulus, 1995, p. 9.

⁷ Cf. MENDONÇA, P. R., *Agraciados por Deus para a fraternidade. Uma abordagem crítico-teológica do individualismo narcísico contemporâneo à luz do pensamento de J.I. González Faus*, Dissertação (mestrado). Rio de Janeiro, 2004, p. 15.

na sociedade moderna tem acarretado graves conseqüências “para a própria autocompreensão e auto-estruturação do cristianismo, enquanto grandeza socio-cultural”⁸.

Esse crivo de significativas mudanças tornam-se tanto mais importantes quanto mais afetam o sentido e o significado de nossa vida e de nossos relacionamentos. A vida do ser humano está sustentada e projetada pelos bens de consumo, de relacionamentos e significados⁹. Dentro desse universo complexo e infinito está a sexualidade, também marcada pelas mudanças e crises do tempo, fora e dentro da comunidade eclesial.

1.1.

A modernidade em crise ou pós-modernidade

“Somos pós-modernos”¹⁰. Parece uma afirmativa simplória e fechada na sua conceituação, porém é fato que esta traz profunda complexidade e opiniões variadas entre os especialistas. Não temos a pretensão de aprofundar tais definições, mas desejamos fundamentar a temática da sexualidade a partir de alguns efeitos ou repercussões que a “pós-modernidade”, “modernidade tardia”¹¹ ou ainda “hipermodernidade”¹² tem produzido na sociedade em todos os seus aspectos, sobretudo na compreensão e na vivência da sexualidade.

Lipovetsky retrata a cultura pós-moderna como sendo a representação de uma sociedade que saiu de uma organização uniforme, dirigista, para uma mistura de valores modernos, legitimando a afirmação da identidade pessoal a partir de valores de uma sociedade personalizada onde o que importa é que o indivíduo seja ele mesmo. A cultura pós-moderna apresenta-se “descentrada e heteróclita, materialista e psi, pornô e discreta, inovadora e rétro, consumista e ecologista,

⁸ FRANÇA MIRANDA, M., *A Salvação cristã na modernidade*, Perspectiva Teológica, v. 23, n. 59, jan. 1991, p. 13; cf. idem, *Um homem perplexo. O cristão na atual sociedade*, São Paulo: Loyola, 1989, p.10-14.

⁹ Cf. FABRI DOS ANJOS, M., *Juventude e valores morais* in: REB, fasc. 235, set. 1999, p. 533.

¹⁰ ARDUINI, J., *Antropologia. Ousar para reinventar a humanidade*, São Paulo: Paulus, 2002, p. 13.

¹¹ GIDDENS, A., *Modernidade e Identidade*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002, p. 32ss.

¹² CHARLES, S., in: LIPOVETSKY, G., *Os Tempos Hipermodernos...*, op. cit., p. 25.

sofisticada e espontânea, espetacular e criativa” e o futuro não decidirá sobre uma coisa ou outra, mas abrir-se-á às lógicas duais e à co-presença dos antagonismos¹³.

O individualismo e o neo-narcisismo se alargam, uma gama de possibilidades estão disponíveis para a livre escolha do homem pós-moderno, onde os referenciais já não são valorizados, emancipando-se da disciplina; por outro lado, um valor principal co-existe a tudo isto, o indivíduo e o seu direito de ser livre fazem-se lado a lado. Há o fenômeno da ruptura e da continuidade ao mesmo tempo, uma nova fase surge, atada a fios complexos do que pode parecer à primeira vista; há um caminho de sedimentação e compreensão a ser feito em relação ao que vemos e vivemos¹⁴.

A “pós-modernidade” tem sido uma etapa histórica-cultural difícil de situar e para alguns especialistas, sobretudo Lyotard¹⁵, pode ser entendida como uma reescritura da sociedade e da cultura moderna. Esta prerrogativa não afasta a existência de uma revolução de ordem cultural, epocal que tem desacomodado as estruturas das instituições modernas, inclusive da religião. A pós-modernidade nos tem remetido aos emergentes problemas culturais e sociais dos homens de hoje; certamente nos perguntamos acerca de nossa situação e das possibilidades de uma nova época que se instaura.

Bingemer defende que este tempo marca culturalmente o período de secularização total das artes e das ciências; sob o prisma econômico, há o primado da produtividade e da intensificação do trabalho humano; politicamente, vê-se configurar-se os traços da institucionalização do individualismo e da propriedade privada; cronologicamente e temporalmente surge uma nova concepção e vivência do tempo; o pensamento sofre também as suas mudanças, do pensar mítico, para uma nova visão do mundo que não tem a pretensão de conhecer absolutos, que não abre espaços para a eternidade, mas para uma “temporalidade sempre ‘contemporânea’ e mundialmente ‘simultânea’”¹⁶.

Quanto à definição de pós-modernidade, García Rubio, prefere deixar em aberto, pois, na sua opinião, pode se tratar de fato de uma nova época ou até uma crise interna e profunda da própria modernidade. O que vai interessar é a

¹³ Cf. LIPOVETSKY, G., *A Era do Vazio...*, op. cit., p. 12-13.

¹⁴ Cf. *ibidem*.

¹⁵ Cf. LYOTARD, in: MARDONES, J. M., *Postmodernidad y Cristianismo...*, op. cit., p.17.

¹⁶ BINGEMER, M. C., *Alteridade e Vulnerabilidade: Experiência de Deus e pluralismo religioso no moderno em crise*, São Paulo: Loyola, 1993, p. 17.

existência de uma sensibilidade bem distinta da moderna, que tem afetado todos os segmentos da vida humana¹⁷.

García Rubio evidencia algumas características centrais, extremamente importantes de se observar naquilo que denomina como uma “nova sensibilidade”¹⁸:

- Contrapondo-se ao triunfalismo antropocêntrico da modernidade, uma visão pessimista e diminuída do ser humano encontra reforço. O racionalismo moderno é fortemente criticado.
- As filosofias modernas da história são vistas com grande desinteresse, uma vez que a crença moderna num progresso indefinido é questionada.
- A ciência moderna, juntamente com as filosofias da modernidade, é fortemente criticada¹⁹.
- A crise da razão tem trazido uma acentuação do valor do mundo simbólico-afetivo.
- Grande desconfiança diante dos compromissos sociais e políticos, dada a descrença em relação à razão humana unida ao pessimismo mediante às possibilidades do ser humano na sociedade.
- Uma procura cada vez mais evidente por satisfações imediatas, utilitarismo, pragmatismo e consumismo. “O novo evangelho, a bem-aventurança do consumo passa a reger a vida da pessoa”²⁰.
- Atitude cínica e indiferente diante da exclusão de milhares de seres humanos.
- Um subjetivismo extremamente individualista; e unido a isso não se estranha o aumento assombroso de angústia, depressão, falta de sentido de vida, desamparo e toda uma gama de doenças psicossomáticas.
- E, por fim, observa-se uma crescente valorização da experiência religiosa, com tendências anti-rationais e atitude de rejeição ou indiferença às grandes instituições religiosas tradicionais, especialmente as ocidentais.

¹⁷ Cf. GARCÍA RUBIO, A. *A Unidade na Pluralidade: O ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs*, 3. ed. rev. e ampliada. São Paulo: Paulus, 2001, p. 45; cf. FORTE, B., *A escuta do Outro. Filosofia e revelação*, São Paulo: Paulinas, 2003, p. 131-136.

¹⁸ GARCÍA RUBIO, A. *A Unidade na Pluralidade...*, op. cit., p. 45.

¹⁹ Acrescenta que “são acusadas de forte reducionismo, dado o seu caráter mecanicista e unilateralmente objetivista”. Cf. *ibidem*.

²⁰ *Ibidem*.

Fica claro também que valores fundamentais a princípio inquestionáveis pela modernidade começam a ser examinados e descartados enquanto outros valores não considerados pela modernidade voltam a ser valorizados. A mudança se dá em conexão com um novo olhar sobre o mundo e o ser humano²¹.

A visão do todo, a perspectiva holística, a união das dimensões e aspectos do ser humano, a relação íntima existente entre o ser humano e os outros seres do universo, entre o ser humano e Deus, quer dizer, a multiplicidade de relações e inter-relações existentes entre os seres é o que interessa, acima de tudo, no novo paradigma²².

Para González Faus, que preconiza o termo “pós-modernidade”, diz que esta não se limitou exclusivamente a suceder no tempo a modernidade, mas reagiu contra ela, como uma espécie de antimodernidade²³. Emerge como uma insatisfação mediante a modernidade²⁴.

Arduini aponta Nietzsche como sendo um prenúncio deste tempo, porém sabe-se que muitos afluentes somaram forças e individualidades na composição desta era tão aclamada e ainda tão pouco conhecida²⁵.

Por volta dos anos 80 do século XX, o “boom” da informatização se deu, explodiu o “místico-psíquico-religioso e instaurou-se a globalização neocapitalista”²⁶. Houve uma aceleração histórica. Tem-se, então, a impressão de se viver no futuro; é um tempo acelerado e redescoberto, “hoje a vida anda depressa”²⁷. Uma das conseqüências mais visíveis é o clima de pressão que se instaurou na vida das instituições e das pessoas. Há um ritmo frenético empurrando a concorrência globalizada.

Sempre mais exigências de resultados a curto prazo, fazer mais no menor tempo possível, agir sem demora: a corrida da competição faz priorizar o urgente à custa do importante, a ação imediata à custa da reflexão, o acessório à custa do essencial. Leva também a criar uma atmosfera de dramatização, de estresse permanente, assim como todo um conjunto de distúrbios psicossomáticos²⁸.

²¹ Cf. GARCÍA RUBIO, A. *A Prática da Teologia em Novos Paradigmas: Adequação aos tempos atuais*, in: VV.AA., *Teologia aberta ao futuro*, São Paulo: Loyola; Soter, 1997, p. 232-233.

²² Ibidem.

²³ Cf. GONZÁLEZ FAUS, J., *Desafio da Pós-Modernidade*, São Paulo: Paulinas, 1996, p. 25.

²⁴ Cf. ARDUINI, J., *Antropologia...*, op. cit., p. 13.

²⁵ Cf. ibidem.

²⁶ Ibidem.

²⁷ Ibidem, citando LYOTARD, p. 13.

²⁸ LIPOVETSKY, G., *Os Tempos Hipermodernos...*, op. cit., p. 77.

1.2.

Crise de paradigmas e mudanças nos costumes

A crise atual vem sendo identificada como uma crise ética com raízes profundas no ser humano atingindo certamente todas as áreas da sociedade. Agostini analisa a situação apontando para uma deformação da própria consciência, uma vez que o *ethos* sofre interferências²⁹. *Ethos* deve ser entendido como sendo “o ponto de partida para compreendermos a raiz profunda do *humanum*. Ele aparece como um alicerce que sustenta o ser humano, seja qual for a sua situação, onde quer que ele viva, em qualquer época”³⁰.

A crise ética atinge a raiz da percepção humana, alterando a sua capacidade de avaliação e possibilidade de ação; lugar este onde residem as “evidências primitivas”, que alicerçam o modo próprio de ser e habitar de cada ser humano, influenciando todos os aspectos da vida pessoal e social, transformando a percepção e o sentido das coisas e dos acontecimentos. Sendo assim não se pode negar que tal crise seja capaz de provocar a deformação de consciências³¹.

Mardones, citando Weber, aponta para uma modernidade caracterizada por um processo de racionalização. Desde o mundo judaico, atravessando o cristianismo, vê-se configurar no mundo ocidental um germe de racionalidade e compreensão do mundo e da história que é típico desta cultura. Chegando-se ao século XVIII este fenômeno parece cristalizado em um “*ethos*” ou atitude cognitivo-moral que pode ser caracterizado como a racionalização do Ocidente, que atravessou todas as realizações intelectuais, artísticas e institucionais do

²⁹ Cf. AGOSTINI, N., *Teologia Moral. O que você precisa viver e saber*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 253.

³⁰ *Ibidem*, p. 37-38; para ampliação do conceito de “*ethos*”, no aspecto cristão, cf. MILLEN, M. I., *Os acordes de uma sinfonia: A Moral do Diálogo na Teologia de Bernhard Häring*, Tese (doutorado). Rio de Janeiro, 2003, p. 121: “O *ethos* especificamente cristão, que é elaborado pela religião vivida na dinâmica da fé, está presente entre os povos, no mundo da vida, buscando plausibilidade entre a diversidade de *ethos* existentes. Enquanto tal, ele é reconhecido por suas matrizes de significação e por seu modo de organizar a vida no mundo. Pode-se dizer que ele deriva de uma experiência religiosa singular, que se alicerça na resposta dada pelo ser humano a um apelo que lhe é feito por Deus. Resposta que se traduz no acolhimento de um caminho que se percorre no seguimento desse mesmo Deus, revelado plenamente em Jesus Cristo. Este *ethos* cristão, assim entendido, influenciou fortemente a cultura ocidental e determina pelo modo como ele se constituiu, as relações que o ser humano estabelece com Deus, com o seu próximo e com o mundo que o circunda”.

³¹ Cf. *ibidem*, p. 253.

Ocidente³². Conseqüentemente a esta crise processa-se a fragmentação da razão através de uma palpável transformação social trazendo consigo uma visão diferenciada do mundo, uma proliferação das esferas de valor, uma autonomia das ciências, da moralidade e da arte, produzindo um “desencantamento do mundo” ou sua dessacralização³³.

Por outro lado, para França Miranda a característica central da cultura que hoje se vive está na hegemonia da razão, e pela sua chancela devem passar as crenças, as tradições, e os costumes provenientes de gerações anteriores.

A ela, e somente a ela, cabe explicar e dominar a natureza, organizar a vida social e política, estabelecer as regras do mundo da economia, ditar padrões de moralidade e de comportamento, planejar a humanidade futura e tornar realidade a felicidade do homem nesta vida³⁴.

Estamos no meio de um processo novo na história humana, onde a racionalidade revela claramente a pluralidade de suas dimensões. É o pluralismo da razão que vai constituir o ponto de partida da pós-modernidade. E deve-se ter em conta que de agora em diante a razão moderna diferenciada é uma razão fragmentada³⁵.

O homem que perpassa esta transição da sociedade, ou crise da modernidade, percebe muito bem que se por um lado a modernidade trouxe incontáveis avanços e contribuições louváveis para a humanidade, por outro lado, esta mesma modernidade corre o risco de eliminar e diluir valores e referenciais fundantes para a sua autocompreensão enquanto ser humano, em relação a sua identidade e sua existência³⁶.

Quanto à questão do paradigma, Capra descreve-nos que as mudanças de conceitos e idéias que a física sofreu nos primeiros trinta anos do século XX, trouxeram forte influencia para todo um sistema, sobretudo em relação às teorias da matéria em vigência, passando a modernidade de uma concepção mecanicista

³² Cf. WEBER, M., “*Introducción*” a *Ensayos sobre Sociología de la Religión*. V. 1. Taurus, Madrid, 1983, p. 19, in: MARDONES, J. M., *Postmodernidad y Cristianismo...*, op. cit., p. 18-19.

³³ Cf. ibidem, p. 23-24.

³⁴ FRANÇA MIRANDA, M., *A salvação cristã...*, op. cit., p. 16.

³⁵ Cf. MARDONES, J. M., *Postmodernidad y Cristianismo...*, op. cit., p. 25.

³⁶ Entre os valores ameaçados podem estar a “importância do desejo e da afetividade, o lugar indiscutível do poético e do simbólico na produção do conhecimento, a relevância básica da gratuidade e da relacionalidade como componentes da vida humana”, in: BINGEMER, M. C., *Alteridade e Vulnerabilidade...*, op. cit., p. 23.

(cartesiana) para uma visão holística e ecológica. A partir de então defende a necessidade de um novo paradigma, “uma nova visão da realidade, uma mudança fundamental em nossos pensamentos, percepções e valores”³⁷.

De fato a situação pode ser caracterizada como um tempo de crise, não uma crise qualquer, mas de grande abrangência, de caráter “sistêmico”, com os problemas emergentes bem interligados e interdependentes. A física teria passado por grandes revoluções conceituais, deixando claro os limites impostos pela visão de um mundo mecanicista, tentando transpor-se com uma nova visão orgânica, ecológica e que de alguma forma recorda a visão dos místicos de todas as épocas e tradições. Porém nesta transição de conceitos, pensamentos e atitudes, ficou uma série de prejuízos e conseqüências drásticas sobre a humanidade, e que sobretudo hoje, como em nenhum outro tempo, levanta desafios e nos interpela, colocando-nos no interior de uma crise de dimensões intelectuais, morais e espirituais.

Vive-se um tempo de fortes paradoxos, com expressivos avanços tecnológicos por um lado, e de outro uma fragmentação dos setores humanos e da própria conceituação da pessoa.

O importante está na percepção de que a crise em si não é um fenômeno estático, mas pode ser um determinante de transformação³⁸.

É uma crise complexa, multidimensional, cujas facetas afetam todos os aspectos de nossa vida – a saúde e o modo de vida, a qualidade do meio ambiente e das relações sociais, da economia, tecnologia e política. É uma crise de dimensões intelectuais, morais e espirituais; uma crise de escala e premência sem precedentes em toda a história da humanidade³⁹.

Capra insiste no fato de que, para entendermos esse contexto multifacetado de uma crise cultural, é indispensável adotarmos uma perspectiva extremamente ampla e ver a nossa situação no contexto da evolução cultural humana. Nossa perspectiva neste século XXI deve transportar-se para um período de tempo que abrange milhares de anos; “substituir a noção de estruturas sociais estáticas por

³⁷ CAPRA, F., *O Ponto de Mutação*, São Paulo: Cultrix, 1982, p. 14; cf. BINGEMER, M. C. L., *Alteridade e Vulnerabilidade...*, op. cit., p. 23, concorda com Capra e reforça que a crise do paradigma moderno, questionado nas suas raízes mais profundas abre espaço para outros paradigmas, como o pós-moderno ou a Nova Era.

³⁸ Cf. *ibidem*, p. 24.

³⁹ *Ibidem*, p. 19.

uma percepção de padrões dinâmicos de mudança. Vista desse ângulo, a crise apresenta-se como um aspecto da transformação”⁴⁰.

Cada um desses processos críticos tem uma periodicidade própria, e todos eles envolvem períodos de transição que certamente percebemos no presente momento. Entre essas transições há tendências marcantes e inegáveis. Hoje, não se pode negar que vivemos uma transição, sobretudo, relacionada aos valores culturais. O que é freqüentemente chamado de “mudança de paradigma”, pode ser uma mudança profunda no pensamento, percepção e valores que formam uma determinada visão da realidade⁴¹.

Para García Rubio, o termo paradigma “é bastante flutuante e, freqüentemente, utilizado sem precisar o que se pretende significar com ele”⁴². Porém, pode expressar um modelo que serve de base para uma interpretação e explicação da realidade vista de maneira global.

Modelo ou quadro referencial no qual as pessoas percebem, pensam e vivem as suas relações com Deus, com os outros seres humanos, com o meio ambiente e com o próprio ser interior⁴³.

Sem reservas, encontramos-nos numa grave crise da modernidade. Crise esta que perpassa todos os níveis e setores da sociedade nos âmbitos econômico, político, cultural e também no que tange ao existencial/espiritual do ser humano. É urgente uma virada de mentalidade e atitudes, abrindo espaço para um novo paradigma, que certamente forçará o ser humano a uma atitude mais reflexiva, intuitiva e construtiva.

1.3.

A reflexão teológica interpelada pela pós-modernidade

Especialmente na teologia o novo paradigma pressupõe uma metodologia própria, prioridades e acentuações também específicas que sejam compartilhadas

⁴⁰ Ibidem, p. 24.

⁴¹ Cf. ibidem, p. 26-28.

⁴² GARCÍA RUBIO, A., *A Prática da Teologia em Novos Paradigmas...*, op. cit., p. 223.

⁴³ Ibidem, p. 224.

por uma “comunidade de teólogos e pelas comunidades eclesiais que vivem, pensam e se organizam em conformidade com o novo modelo”⁴⁴.

A teologia é convidada a perceber a realidade dos tempos atuais captando o novo que interpela o pensar e o viver cristão. Uma nova sensibilidade gerando a capacidade de mudar e rever o caminho se for necessário⁴⁵. A teologia tem um lugar histórico e como todas as ciências sofre os efeitos do movimento do mundo e da sociedade. O saber teológico tem, algumas vezes, se mostrado também fragmentado, revelando saberes divididos e compartimentados de um lado, e por outro, sendo interpelado pelas realidades e problemas humanos; estes foram denominados por Morin de “realidades ou problemas cada vez mais multidisciplinares, transversais, multidimensionais, transnacionais, globais e planetários”⁴⁶.

O pluralismo cultural, plenamente reconhecido pela Igreja, vai repercutir amplamente no pluralismo teológico, trazendo de volta a problemática que interpelou o cristianismo no primeiro século, isto é, de como manter a unidade da fé na pluralidade de suas expressões⁴⁷.

Hoje não é nada tranqüilo se chegar a um consenso sobre a concepção de salvação que cada cristão tem e que agir correspondente a ela implica. Na sociedade tradicional a visão cristã, de certa maneira, garantia a homogeneidade cultural, trazendo sentido e significado a toda realidade; e o tornar-se pessoa estava implicitamente ligado ao tornar-se cristão. Esse quadro interpretativo mudou. Cabe atualmente ao indivíduo elaborar a sua identidade social em meio às pluralidades globais da realidade, presentes nos diversos setores da vida que o toca, que o interpela e nos quais ele trafega⁴⁸.

Deve-se concordar com França Miranda, de que:

O atual pluralismo cultural separou as expressões e as práticas da fé das experiências humanas significativas para os nossos contemporâneos. A crise atual do cristianismo hoje, decorre, em grande parte, desta ruptura. Na medida em que não consegue iluminar, dar sentido e estruturar tais experiências, perde o

⁴⁴ Ibidem.

⁴⁵ Cf. ibidem; cf. FORTE, B., *À escuta do Outro...*, op. cit., p. 147-164.

⁴⁶ MORIN, E., *Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro*, 8. ed., São Paulo: Cortez Editora, 2003, p. 36.

⁴⁷ Cf. FRANÇA MIRANDA, M., *A salvação cristã...*, op. cit., p. 22.

⁴⁸ Cf. ibidem.

cristianismo em força, enquanto universo simbólico, e em número, enquanto organização social. Mesmo reconhecendo que haverá sempre um certo distanciamento entre Igreja (Magistério) e a experiência dos fiéis, devida à própria institucionalização da fé, o grau que ele hoje atinge desacredita o discurso salvífico da Igreja, bem como a normatividade correspondente⁴⁹.

Palácio concorda que não é fácil encontrar um sentido exato para o significado da aplicação de “novos paradigmas” e, sendo assim, a preocupação da teologia deveria estar mais voltada para a “situação de crise da cultura ocidental e o que está por trás dela: a crise da razão moderna”⁵⁰.

Há uma insistência em Palácio da necessidade de se fazer uma distinção entre o que de fato pode ser um novo paradigma e uma mudança epocal, uma vez que um certo fascínio pela terminologia pairou sobre a ciência teológica não permitindo que se chegasse aos desafios em que é convidada a debruçar-se⁵¹.

Parece haver uma indeterminação ou insegurança no âmbito do saber, uma vez que “quanto mais cresce o conhecimento do particular, menos o homem moderno e a sociedade como um todo sabe o que fazer com ele”, ponto este sustentado pelos chamados “novos paradigmas”⁵². Porém o que está por trás é uma crise de sentido que tem afetado todos os aspectos da vida humana e social e a todas as ciências vai tocar e incomodar. Algo surpreendentemente novo em relação às outras épocas perpassa o nosso tempo atual.

Para Palácio, nunca houve de fato uma mudança de paradigma e crítica que a utilização corrente desta expressão pode ter sido geradora de uma redução de significado de temas ou problemas novos que surgiram. Obviamente que a teologia deve estar atenta às novas questões que surgem e na sua especificidade deve procurar respondê-las; porém, isso não caracteriza uma mudança de paradigma⁵³.

Com muita tranqüilidade, o autor acima afirma que no universo de uma macroperspectiva histórica a teologia jamais saiu do âmbito da razão ocidental, reforçando assim a sua tese de que nunca houve de fato uma mudança de

⁴⁹ Ibidem.

⁵⁰ O autor faz uma contextualização do surgimento da expressão “novos paradigmas”, tendo esta surgido sobretudo a partir da filosofia da ciência e posteriormente em outros âmbitos do conhecimento humano, chegando certamente a Teologia. PALÁCIO, C., *Novos Paradigmas ou fim de uma era teológica?* In: VV.AA., *Teologia Aberta ao Futuro...*, op. cit., p. 77-78.

⁵¹ Cf. ibidem.

⁵² Ibidem.

⁵³ Cf. ibidem, p.80.

paradigma, mesmo que as relações tenham recebido uma nova configuração histórica de acordo com a época e o conteúdo expressado em cada tempo teológico. Insiste que “a introdução de novos temas na teologia não quer dizer ainda que tenham mudado a maneira de pensá-los”⁵⁴. O problema teológico em questão não é como integrar os temas até o momento ignorados, mas como pensá-los de outra forma e como integrá-los num outro universo muito mais amplo que a razão técnica, isto é, deve a teologia recuperar sua autonomia, mostrando o que há de específico como sabedoria da fé e assim contribuir no discernimento, a fim de que esses “temas” deixem de ser problemas, tornando-os perspectivas que abram para uma nova cosmovisão; isso seria um processo muito mais complexo do que uma mudança de paradigma⁵⁵.

Palácio defende também a teologia como um saber aberto, que não traz em si o espírito absoluto, mas deve estar sempre aberta à complementação de outros saberes indispensáveis para uma compreensão mais fiel e iluminadora do ser humano e de seu mistério. Por um lado, a teologia deve buscar sua especificidade e identidade com firmeza e, por outro, dialogar numa atitude de profunda humildade e abertura⁵⁶.

Morin aponta para a dificuldade que se tem hoje em realizar uma articulação global do conhecimento, afirmando que não é possível de fato ter a posse das informações, do conhecimento, se não houver uma organização e uma articulação desses dados que irão compor o conhecimento. É necessário, segundo o autor, perceber e conceber o contexto, o global, o multidimensional e o complexo, para se chegar verdadeiramente ao conhecimento do mundo como um “todo” e não em “partes”, e muitas vezes partes fragmentadas e separadas umas das outras⁵⁷.

Vivemos e testemunhamos hoje um tempo histórico com grandes sinais de mudança epocal, marcado por uma novíssima autocompreensão da existência humana e uma nova maneira de relacionar-se com a transcendência, repercutindo nos aspectos sociocultural e religioso.

Não se pode negar uma insatisfação crescente em relação a todos os setores sociais e políticos, o que justificaria, segundo García Rubio, a busca de uma novo

⁵⁴ Ibidem.

⁵⁵ Cf. ibidem.

⁵⁶ Cf. ibidem, p. 89-92.

⁵⁷ Cf. MORIN, E., *Os sete saberes...*, op. cit., p. 35.

“paradigma civilizatório”⁵⁸. A percepção de que os graves problemas e novos desafios não conseguem ser resolvidos a partir do prisma de velhos paradigmas parece cada vez mais claro. Uma visão mais abrangente e geral da realidade se impõe gerando a reflexão sobre novos paradigmas⁵⁹.

No âmbito da pós-modernidade, dá-se uma reviravolta radical no predomínio total concedido à razão instrumental e a toda a perspectiva mecanicista que tem norteado a ciência nos últimos três séculos. Reação contra o racionalismo antigo e, sobretudo, moderno. Acresce a crítica à fragmentação do ser humano e da realidade do mundo, a atomização, divisão e subdivisão do ser humano, a brutal ruptura entre espírito e matéria etc. Desenvolve-se uma nova visão da ciência. Critica-se a perspectiva unilateralmente objetivista e determinista. O positivismo e o neopositivismo são questionados radicalmente⁶⁰.

A teologia tem se visto como participante de um polifônico concerto mundial de culturas. Há uma relativização da cultura ocidental e com isso uma abertura positiva em relação às outras culturas, mentalidades e sistemas valorativos. Há uma postura de maior escuta e diálogo com o outro, com o diferente⁶¹.

Um cristianismo verdadeiramente católico, universal, enraizado culturalmente em todo o mundo. Por conseguinte, estamos diante do amanhecer de uma Igreja policêntrica e de uma teologia pluralista e universal⁶².

Os desafios e as tarefas diante dos quais encontram-se hoje a teologia e um cristianismo policêntrico exigem uma mudança de paradigma que supõe um aprendizado radical. Certamente é uma missão complexa que deverá ser realizada ao longo de gerações a fim de se alcançar a adequação necessária entre o paradigma da teologia e o paradigma do tempo que se vive⁶³.

⁵⁸ GARCÍA RUBIO, A., *A Prática da Teologia...*, op. cit., p. 230.

⁵⁹ Cf. *ibidem*, p. 231.

⁶⁰ *Ibidem*.

⁶¹ Cf. MARDONES, J. M., *Postmodernidad y Cristianismo...*, op. cit., p. 135.

⁶² *Ibidem*, p. 135.

⁶³ Cf. *ibidem*, p. 145-146.

1.4.

A globalização e a pós-modernidade

“Vivemos num mundo confuso e confusamente percebido”, escreve-nos Santos⁶⁴. As crises estão entre nós e fazem parte do caminho histórico da humanidade, pois um período sucede a outro, e que por sua vez são também precedidos por períodos que também tiveram as suas crises e suas acomodações próprias. O que não deve nos escapar é que estamos atualmente mediante um tempo ou período bem distinto na história. Como período e ao mesmo tempo como crise, o mundo atual caminha no que se pode chamar de globalização.

Todos nós temos testemunhado e sofrido as conseqüências das grandes mudanças ocorridas nos últimos anos do século XX e os primeiros do século XXI. Uma dupla tirania emerge, a do dinheiro e a da informação, intimamente relacionadas. Ambas em parceria fornecem as bases do sistema ideológico que legitima as ações mais particulares da época em que vivemos e certamente tem conformado um novo ethos nas relações humanas, pessoais e sociais. Uma cultura consumista e da morte parece tomar os diversos setores e lugares sociais⁶⁵.

Este período e esta crise são diferentes daqueles do passado, porque os dados motores e os respectivos suportes, que constituem fatores de mudança, não se instalam gradativamente como antes, nem tampouco são o privilégio de alguns continentes e países, como outrora. Tais fatores dão-se concomitantemente e se realizam com muita força em toda parte⁶⁶.

Todavia, para Ortiz, a globalização ainda é um fenômeno que não completou totalmente a sua emergência, é um processo em construção⁶⁷.

⁶⁴ SANTOS, M., *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*, 10. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2003, p. 17.

⁶⁵ Cf. *ibidem*, p. 35-37.

⁶⁶ *Ibidem*, p. 33.

⁶⁷ Cf. ORTIZ, R., *Mundialização e Cultura*, São Paulo: Editora Brasiliense, 2003, p. 15.

O tempo está marcado pelas ambigüidades; há setores que optam pela intuição à racionalidade⁶⁸. Mais do que nunca o emocionalismo, o sincretismo e o prazer são cultivados; e a tolerância por uma economia desumana que dizima populações inteiras encontra espaço⁶⁹. Há vertentes solidaristas e vertentes individualistas, bem como grandes desenvolvimentos e atrozidades devastações, inegáveis avanços e selvagens retrocessos, espetaculares avanços científico-tecnológicos de um lado e uma aceleração da violência, da exclusão, do desemprego e de todas as demais decorrências⁷⁰.

Giddens coloca a globalização como sendo a razão do ressurgimento de identidades culturais locais em várias partes do mundo, e salienta que é um equívoco pensarmos que a mesma afeta unicamente os grandes sistemas, como por exemplo, a ordem financeira mundial⁷¹.

A globalização não diz respeito apenas ao que está “lá fora”, afastado e muito distante do indivíduo. É também um fenômeno que se dá “aqui dentro”, influenciando aspectos íntimos e pessoais de nossas vidas⁷².

Para Arduini, apesar de constatações tão ambivalentes e à primeira vista incoerentes,

Não devemos destilar pessimismo nem refugiar-nos no passado. Somos pós-modernos. Vivemos no presente, vivemos o presente. Mas também devemos viver contra o presente que arruína a humanidade. Não poderemos aderir gregariamente à última novidade, seja econômica, tecnológica, cultural, moral ou religiosa. O que importa é impulsionar tudo o que realiza o ser humano. E desterrar tudo o que o desrealiza. O significado da pós-modernidade deverá ser avaliado pelo que está acontecendo ao ser humano⁷³.

⁶⁸ “Nietzsche e Heidegger já haviam questionado duramente o poder da razão, o acesso ao fundamento da realidade, as estruturas estáveis do ser; numa palavra, haviam minado o campo da ontologia. Ao anunciar a “morte de Deus”, Nietzsche lançou o Super-Homem às raias do niilismo, arrasando os valores supremos. O homem atual desconfia da razão e se orienta pelo sentimento. Pensa que a metafísica e a filosofia em geral não levam a lugar nenhum... A razão torna-se ‘instrumental’: serve somente para a tecnocracia, para a produção e o consumo”. Cf. GASTALDI, I., *Educar e Evangelizar na Pós-Modernidade*, São Paulo: Editora Salesiana Dom Bosco, 1994, p. 22.

⁶⁹ Cf. ARDUINI, J., *Antropologia...*, op. cit., p. 13.

⁷⁰ Cf. ibidem, p. 14; cf. LIBÂNIO, J. B., *Jovens em tempo de Pós-Modernidade: Considerações sócio-culturais e Pastorais*, São Paulo: Loyola, 2004, p. 133-134.

⁷¹ Cf. GIDDENS, A., *Mundo em Descontrole*, 3. ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Record, 2003, p. 13-22.

⁷² Ibidem.

⁷³ Ibidem.

Dentro deste contexto pós-moderno, a história em si não é considerada, releva-se apenas as “micro-histórias”, isto é, histórias parciais, não existindo um horizonte aonde localizar os acontecimentos para que se apresente algo coerente.

Nesse mundo globalizado, a competitividade, o consumo, a confusão dos espíritos constituem baluartes do presente estado das coisas. A competitividade comanda nossas formas de ação. O consumo comanda nossas formas de inação. E a confusão dos espíritos impede o nosso entendimento do mundo, do país, do lugar, da sociedade e de cada um de nós⁷⁴.

Para Charles⁷⁵, é necessário compreender que a pós-modernidade se apresenta paradoxalmente. Há, por um lado, um aumento da tomada de responsabilidade; de outro, um maior desregramento. No contexto do individualismo, vê-se a opção de assumir responsabilidade ou não, de autocontrolar-se ou deixar-se levar. A pós-modernidade marca um tempo histórico onde todos os freios institucionais que se opunham à emancipação individual desaparecem, dando lugar aos desejos subjetivos, da realização individual, do amor-próprio⁷⁶.

Lipovetsky dá um passo à frente dizendo que a partir do momento que a tecnologia genética, a globalização liberal e os direitos humanos ficam evidenciados, o neologismo “pós-moderno” entra em declínio, tendo esgotado sua capacidade de exprimir o mundo que se anuncia⁷⁷, parecendo ser uma época findada; vê-se uma modernidade elevada à potência superlativa. Surge o “Hiper”: hipercapitalismo, hiperclasse, hiperpotência, hiperterrorismo, hiperindividualismo; e por que não dizer também hipermodernidade? Por outro lado não se pode decretar o óbito da modernidade, mas assiste-se ao seu remate. O que se percebe então?

O Estado recua, a religião e a família se privatizam, a sociedade de mercado se impõe: para disputa, resta apenas o culto à concorrência econômica e democrática, a ambição técnica, os direitos do indivíduo. Eleva-se uma segunda modernidade, desregulamentadora e globalizada, sem contrários, absolutamente moderna, alicerçando-se essencialmente em três axiomas constitutivos da própria modernidade anterior: o mercado, a eficiência técnica, o indivíduo. Tínhamos uma modernidade limitada; agora, é chegado o tempo da modernidade consumada⁷⁸.

⁷⁴ SANTOS, M., *Por uma outra...*, op. cit., p. 46.

⁷⁵ Cf. CHARLES, in: LIPOVETSKY, G., *Os Tempos Hipermodernos...*, op. cit., p. 21.

⁷⁶ Cf. *ibidem*, p. 22.

⁷⁷ Cf. *ibidem*, p. 52-53.

⁷⁸ *Ibidem*, p. 54.

Lipovetsky diz que a “hipermodernidade” está sendo marcada pelo ambiente do efêmero e da sensação de profunda insegurança. A sensação de insegurança invadiu o espírito humano; o terrorismo, as catástrofes, as epidemias ilustram as primeiras páginas de nossos jornais:

É com os traços de um composto paradoxal de frivolidade e ansiedade, de euforia e vulnerabilidade, que se desenha a modernidade do segundo tipo. Nesse contexto, o rótulo pós-moderno, que antes anunciava um nascimento, tornou-se um vestígio do passado, um “lugar da memória”⁷⁹.

A pós-modernidade pode ser percebida como sendo “todo um processo sócio-cultural que traz consigo uma mudança na visão da história ocidental e no modo de posicionar-se mediante a própria cultura e as demais”⁸⁰.

2

A compreensão de ser humano na pós-modernidade

Como é o homem na transição da modernidade para a pós-modernidade?, pergunta Mardones. A resposta vem em seguida, citando Weber, “é um tipo de pessoa fortemente marcada pela valorização e vivência psíquica da autonomia individual”⁸¹.

Parece uma resposta tranqüila de se entender, mas está carregada de complexidades, tal como é o ser humano. Tentaremos esboçar algumas linhas que revelem um pouco mais o protagonista do nosso estudo.

⁷⁹ Ibidem, p. 61-65.

⁸⁰ MARDONES, J. M., *Postmodernidad y Cristianismo...*, op. cit., p. 134.

⁸¹ Ibidem, p. 29.

2.1.

Traços do homem/mulher pós-modernos

O homem encontra-se num “novo modo de sentir e experimentar a vida, sem memória, sem continuidade histórica, sem futuro”⁸². Na realidade, há um gosto pelo efêmero, pelo fragmentário, pelo descontínuo e caótico⁸³.

Delineiam-se tendências contraditórias. De um lado, os indivíduos, exageradamente, cuidam do corpo, entregam-se ao fanatismo por higiene e saúde, buscam uma longevidade a todo custo; mas, por outro lado, crescem os estados patológicos individuais, o consumismo e a anarquia comportamental. Altas tecnologias contrapondo-se ao aumento da violência, da fome, da miséria e da exclusão social, que são cada vez mais incontroláveis, são usadas. Na “hipermodernidade” não há escolha, fica-se sem alternativas, mas tem que se evoluir, acelerar para não ficar aquém da “evolução”: “o culto da modernização técnica prevaleceu sobre a globalização dos fins e dos ideais”⁸⁴.

Há uma cultura hedonista e psicologista que incita à satisfação imediata das necessidades, estimulando o atendimento urgente dos prazeres; o paraíso, o bem-estar e o conforto são colocados em pedestal. Consumir solitariamente, esbanjar, viajar, divertir-se, relaxar, nada a renunciar, centrar-se ingenuamente num egoísmo feroz, tudo desculpabilizar. Uma fronteira parece levantar-se entre o anestesiamiento da consciência e a indiferença em relação a tudo o que está fora do homem.

A modernidade está grávida da pós-modernidade, deduz Mardones⁸⁵. Nasce desse “parto” um ser humano muito peculiar. Complementa-nos afirmando que⁸⁶:

- O processo de racionalização que vai configurando um tipo de homem voltado para o domínio do mundo, com um pensamento formal, uma mentalidade funcional, comporta-se de maneira austera e disciplinado, com motivações morais autônomas.

⁸² GASTALDI, I., *Educar e evangelizar...*, op. cit., p. 23, citando VATTIMO, G., *Postmodernidad: una sociedad transparente*, in: vários debates sobre Modernidad y Postmodernidad, Nariz del Diablo, Quito, 1991, p. 147-157.

⁸³ Cf. ibidem, p. 24.

⁸⁴ LIPOVETSKY, G., *Os Tempos Hipermodernos...*, op. cit., p. 55-57.

⁸⁵ Cf. MARDONES, J. M., *Postmodernidad y Cristianismo...*, op. cit., p. 31.

⁸⁶ Cf. ibidem, p. 31-32.

- A religião que outrora, tradicionalmente, havia tido o lugar de centro produtor de relações sociais, é desprezada e reclusa às periferias e, cada vez mais, colocada na esfera privada.
- O homem tem uma visão do mundo descentrada, dessacralizada e pluralista. Não há um centro, uma ideologia única. Surge o relativismo e começa-se a questionar a possibilidade de um fundamento, uma verdade. Uma sociedade marcada por um politeísmo de valores.
- Há uma razão cada vez mais diversificada e distante da unidade.
- Há uma estrutura social marcada por duas instituições ou sistemas predominantes: a técnico-econômica e a burocrático-administrativa, que tendem a colonizar todos os setores sociais e humanos.
- Revela-se um homem zeloso de sua autonomia individual, mas com ambivalências, com manifestações de hiper-individualismo narcisista.

O homem da moderna sociedade pluralista constrói sua própria identidade, diferentemente das sociedades tradicionais. Mesmo reticente e desconfiado, e até cético em relação aos projetos históricos, dos padrões éticos e de outros padrões e valores sociais, deve ter a iniciativa dessa construção, embora não tenha elementos suficientes para isso. Não fica difícil entender o quanto é fácil para este homem ceder aos encantos e à pressão do contexto cultural em que está situado, apoiando-se na aprovação da sociedade a partir de uma mentalidade utilitarista e consumista que visa o bem estar econômico na sua última instância.

Esta mentalidade utilitarista atingirá também sua vida afetiva, regendo-se acima de tudo pelo próprio bem-estar pessoal. Deste modo sua vida girará em torno de si mesmo, sob o domínio do imperativo individualista. Não aderindo a uma fonte global de sentido apresenta-se ele como alguém sem convicções, frágil, instável⁸⁷.

A partir do desejo emancipatório do indivíduo, o isolamento tem-se dado cada vez maior, colocando esse homem à parte de toda e qualquer aliança, não apenas modificando suas relações com as coisas, mas principalmente com os outros semelhantes a ele. O advento da modernidade coincide com o advento do

⁸⁷ FRANÇA MIRANDA, M., *A salvação cristã...*, op. cit., p. 21.

indivíduo, direcionando o indivíduo para ele mesmo, focando seu interesse para si mesmo⁸⁸.

Assim fazendo, deixa o ser humano sozinho e isolado na sua relação com os que deveriam ser seus iguais: os outros seres humanos. Um claro sintoma disso são os envenenados e perversos frutos do antropocentrismo moderno, que demonstram claramente a distância e a separação no interior da humanidade: o racismo, o etnocentrismo, o machismo, que discriminam seres humanos devido a sua raça ou cor, etnia, sexo⁸⁹.

2.2.

O individualismo: esvaziamento do homem/mulher pós-modernos

É necessário lembrar que na sociedade tradicional a pessoa tinha o seu lugar no conjunto social, mas na modernidade, a referência inicial e final é o próprio indivíduo⁹⁰. Isso certamente marca o individualismo, reforça um narcisismo “congenito” e interfere nas relações fundamentais.

Cabe ao indivíduo procurar o seu lugar na sociedade; cabe-lhe o papel de captador; cabe-lhe escolher, decidir-se e “virar-se” diante de uma variedade de possibilidades, saberes e de capacidades exigidas⁹¹.

Há uma configuração da pessoa que afeta todas as suas dimensões. A modernidade o torna livre, autônomo, sujeito de si e da história, mas por outro lado o fragiliza, fá-lo perder muitas vezes a sua identidade e o seu sentido de vida. A partir desse quadro, este sujeito tem dificuldades para se definir diante de um mundo múltiplo e fragmentado⁹².

O indivíduo moderno, dentro deste emaranhado, tem dificuldade até de dizer quem ele é, ou seja, de auto-identificar-se; é instável e incapaz de estabelecer relações duradouras e engajamentos por um tempo mais longo. Entrega-se facilmente ao consumismo, buscando saciar-se para assim preencher os vazios (não raros, verdadeiros rombos) de sua vida; assume uma atitude mimética ante a publicidade; fica à mercê das ‘ondas’ do momento, sugeridas sobretudo pelos meios de

⁸⁸ Cf. BINGEMER, M. C., *Alteridade e vulnerabilidade...*, op. cit., p. 19.

⁸⁹ Ibidem.

⁹⁰ Cf. AGOSTINI, N., *Teologia Moral...*, op. cit., p.28.

⁹¹ Cf. ibidem, p. 29.

⁹² Cf. AGOSTINI, N., *Condicionamentos e Manipulações: Desafios Morais*, in: CNBB, Segunda Semana Brasileira de Catequese, estudos da CNBB 84. São Paulo: Paulus, 2002, p. 121.

comunicação social. Além de extremamente frágil, este indivíduo revela-se vulnerável⁹³.

O homem pós-moderno está mergulhado num contexto cultural fragmentado, e isto tem facilitado um alargamento do individualismo, diversificando as possibilidades de escolha, liquefazendo os marcos referenciais, minando os sentidos únicos e os valores apregoados pela modernidade. O homem cada vez mais emancipa-se das balizas disciplinares-institucionais⁹⁴.

O ser humano, sobretudo o ocidental, tem se refugiado em sua subjetividade, em uma esfera privada, um verdadeiro culto ao individualismo: “um narcisismo que dirige sua atenção no presente e goza dos múltiplos incentivos com que é bombardeado pela sociedade consumista”⁹⁵.

O individualismo, o consumismo e o narcisismo pertencem a uma única raiz, e são hoje sem sombra de dúvidas uma preocupação real no resgate do processo de humanização. O que parecia ser uma via de realização humana no contexto da emancipação, em todos os setores sociais e humanos, passou a ser um sinal terrível de desumanização⁹⁶.

Já foi apontado anteriormente neste trabalho a constatação de que atravessamos um período importante de transição histórica, e nesse contexto não está a realidade da globalização conforme já foi explicitado anteriormente e sua influência direta na vida do homem e da mulher pós-modernos. Nosso modo de viver está sendo reestruturado pela globalização, nossa vida cotidiana e também os eventos que ocorrem numa escala global estão sendo fortemente marcados e influenciados por ela. O diferente, o oposto está sempre diante de nós. As imagens, as informações, são rotineiramente trazidas até nós através do mundo. É fato que a globalização traz benefícios, isso não se pode negar, porém, estamos sendo afetados, num mundo em transformação, muitas vezes em desordem, e para o bem ou para o mal vamos sendo impelidos rumo a uma ordem global ainda não plenamente compreendida, mas sentida amplamente através de seus efeitos.

Aceleradamente uma variedade de mudanças estão acontecendo, todavia algumas são de capital importância em nossas vidas pessoais, na sexualidade, nos

⁹³ Ibidem.

⁹⁴ Cf. LIPOVETSKY, G., *A Era do Vazio...*, op. cit., p. 13.

⁹⁵ MARDONES, J. M., *Postmodernidad y Cristianismo...*, op. cit., p. 153.

⁹⁶ Cf. ibidem; cf. VALADIER, P., *Moral em Desordem: um discurso em defesa do ser humano*, São Paulo: Loyola, 2005, p. 19.

relacionamentos, no casamento e na família. Uma verdadeira revolução avança de maneira desigual em diferentes regiões e culturas. Estas mudanças geram preocupações e trazem uma complexidade perturbadora.

Por trás dessa teia, globalizada, complexa e frágil, nesta nova modalidade de sociedade, percebe-se uma visão de ser humano altamente preocupante e desafiante para a antropologia cristã.

García Rubio nos enumera o que vai chamar de uma auto-visão por parte de homens e mulheres integrados nessa sociedade⁹⁷:

- Um ser humano instrumentalizado, à mercê do mercado e do consumismo;
- Um ser humano voltado para a competitividade, dissociado da solidariedade e da colaboração mútua;
- Predomina um individualismo associal, voltado apenas para sua própria satisfação e realização;
- Continua presente o racionalismo tecnocrático. Uma total e inquestionável adequação e obediência ao modelo do mercado globalizado;
- Reforça-se a “bem-aventurança” do consumo, onde o homem e a mulher são vistos de maneira elitista, e destinados ao consumo: “*bem-aventurado aquele que pode consumir, e mais bem-aventurado ainda aquele que pode consumir mais!*”⁹⁸;
- Quem não pode consumir é excluído, entra nas massas descartáveis⁹⁹;
- Uma cultura internacional sobressai, desvalorizando as expressões culturais regionais ou nacionais ou apenas integrando-as como elementos folclóricos;
- Desenvolve-se uma cultura internacional audiovisual, entre outras.

As conseqüências provenientes de tais mudanças são ainda imprevisíveis, conclui García Rubio.

Diante deste quadro antropológico desafiador, Arduini defende a globalização da dignidade humana, mostrando que uma verdadeira globalização deve focar a vida humana e sua defesa em primeiro lugar, proporcionando a

⁹⁷ Cf. GARCÍA RUBIO, A., *A Prática da Teologia...*, op. cit., p. 49-50.

⁹⁸ Ibidem.

⁹⁹ “Excluídos são todos aqueles, pessoas, grupos, regiões etc. que não podem ser integrados na Sociedade em Rede”, García Rubio baseia-se na conceituação de Sociedade em Rede de M. Castells, cf. ibidem.

liberdade, a nacionalidade, a autonomia, as aspirações, os direitos fundamentais e a dignidade de todos os povos. A verdadeira e esperada globalização humaniza, universaliza e fomenta o crescimento e unidade dos povos. A submissão a um sistema desumanizante e depreciativo não pode encontrar espaço nesta nova sociedade ainda não sedimentada. O grande compromisso deve voltar-se para uma globalização que seja capaz de beneficiar a humanidade em seu todo¹⁰⁰.

2.3.

Consumismo e neo-narcisismo: uma nova configuração humana

A febre do nosso tempo parece ser o consumismo e tem incidido fortemente sobre os sentidos, o pensamento e o coração das pessoas; inclusive interferindo severamente no contexto religioso. Vê-se hoje um homem configurado pelo desejo do consumo. O desejo suplantou a necessidade; compra-se, consome-se não efetivamente pela necessidade, mas arrastado pelo desejo e pelo sentido do “ter”. A sociedade capitalista está enferma.

Através dos estímulos frequentes sobre o consumidor, vai-se impondo uma mudança em seu sistema de valores, importando cada vez mais o “ter” e o “prazer” de consumir como objetivos indispensáveis na vida. A economia da subsistência perdeu o seu lugar em vista de uma economia do desejo. Da satisfação das necessidades passamos a insaciabilidade das necessidades. O desejo parece não encontrar balizas, moldando um novo sistema de valores e de vida sobretudo, na sociedade ocidental. O que era regido por um sistema moral da restrição e do autocontrole passou a ser orientado por uma moral da abundância material que tem levado conseqüentemente ao hedonismo materialista¹⁰¹.

Mardones caracteriza o sistema de valores consumista como sendo um estimulador da posse e do desejo de “ter”, e ter cada vez mais. A mídia, com algumas campanhas “camufladas”, em defesa da qualidade de vida, muitas vezes tem a intenção de massificar o consumidor e gerar uma falsa segurança ou realização humana. A propaganda destampa um arquétipo de homem e mulher

¹⁰⁰ Cf. ARDUINI, J., *Antropologia...*, op. cit., p. 151-153.

¹⁰¹ Cf. MARDONES, J. M., *Postmodernidad y Neoconservadurismo...*, op. cit., p. 189-194.

felizes, realizados, completos. O pano de fundo da cultura do “ter” é alimentar na consciência coletiva a falsa idéia: “Sem posses, não há pessoa”¹⁰².

O consumo está ligado também à idéia do êxito social, reforçando uma auto-afirmação individualista. Êxito e poder são os motores secretos que movimentam o consumismo. No fundo tudo isso vai revelar uma sociedade de simulação e falsidade.

O consumo promove ainda uma forma hedonista de vida.

A felicidade do consumo desemboca no hedonismo materialista. Uma demanda de prazer que não tem fim, porque nunca satisfaz o que promete. Joga com a estimulação do desejo e desperta a sede indefinida de mais coisas e mais gozo. Ter, possuir, desfrutar, ganhar, alcançar sucesso, deslumbrar os que estão em volta, são valores que se encontram na sociedade consumista¹⁰³.

Para o nosso trabalho, esta questão tem uma importância imensa, pois vai repercutir diretamente nas relações humanas e na sexualidade. A pessoa está seriamente marcada por uma visão coisificada e possessiva do mundo, onde a realidade é vista a partir dos próprios interesses, e fundamentalmente vê “coisas”, “objetos”, para conseguir, manipular, usar e desfrutar. O outro não é reconhecido como outro, as outras pessoas são valiosas na medida de suas “posses” (sexo, riquezas, beleza, influência, cargos...). O valor é proporcional à capacidade de oferecer prazer e satisfação.

Para um consumidor inveterado, a sua infelicidade parece estar no excesso e não na falta de escolha; Bauman, em sua obra *Modernidade Líquida*, expressa esta angústia de maneira muito criativa:

O mundo cheio de possibilidades é como uma mesa de bufê com tantos pratos deliciosos que nem o mais dedicado comensal poderia esperar provar de todos. Os comensais são consumidores, e a mais custosa e irritante das tarefas que se pode pôr diante de um consumidor é a necessidade de estabelecer prioridades: a necessidade de dispensar algumas opções inexploradas e abandoná-las¹⁰⁴.

O homem consumista está centrado em si mesmo e cai sem reservas nas garras impiedosas do individualismo.

¹⁰² Ibidem.

¹⁰³ Ibidem, p. 196.

¹⁰⁴ BAUMAN, Z., *Modernidade Líquida*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001, p. 75.

Hoje em dia até as doenças são individuais, as preocupações são privadas, e os meios para resolvê-las também. Alguns livros de auto-ajuda espalham sutilmente a idéia do privado, do individual e lideram as vendas. Há uma mentalidade de que não devo me envolver com os problemas dos outros, com a vida que não me pertence. A minha felicidade está no pensar em mim mesmo e para isso devo me distanciar do compromisso com o outro e da cumplicidade natural que se faz nos relacionamentos pessoais. As pessoas se atrincheiram em seu próprio mundo de desejos e necessidades. Há uma excessiva psicologização e desculpabilização.

O consumismo é um vício novo, afirma Galimberti, e justifica sua afirmação indicando que o consumismo cria na pessoa uma mentalidade niilista levando-a a acreditar que somente adotando o princípio do consumo e da destruição dos objetos é que se pode garantir a própria identidade, status social, o exercício da liberdade e o bem-estar¹⁰⁵.

Uma palavra breve acerca do narcisismo é importante para se concluir esta análise.

Lipovetsky, bebendo na fonte de sociólogos americanos, indica o narcisismo como sendo a conseqüência e a manifestação “miniaturizada do processo de personificação”¹⁰⁶; uma passagem do individualismo limitado a um individualismo total.

O narcisismo não deve ser visto apenas como uma expressão da auto-absorção hedonista, mas hoje deve ser entendido como a necessidade de grupos de pessoas “idênticas”, não estando mais na esfera da independência soberana associada, mas nas ligações e conexões com coletivos de interesses, hiperespecializados: grupos de pais, de alcoólicos, etc.

¹⁰⁵ “O círculo produção-consumo são dois aspectos do mesmo processo, no sentido de que somente são produzidos produtos para satisfazer necessidades, mas são produzidas também necessidades para garantir a continuidade da produção dos produtos... Isso é promovido pela *publicidade*, que tem a função de cotejar a nossa necessidade de mercadorias com a necessidade das mercadorias a serem consumidas”. A campanha sobre “preservativos” pode nos servir como exemplo pertinente ao tema do nosso trabalho. O autor descreve ainda o princípio da destruição, isto é, “a produção econômica usa os consumidores como seus aliados para garantir a mortalidade de seus produtos, que, aliás, é a garantia da imortalidade” (p. 72). Outros traços de conseqüência são descritos, como: *a inconsistência das coisas*; *a dissolução da duração temporal*, *a crise da identidade pessoal*, *o esvaecimento da liberdade e a política como consumo*. Cf. GALIMBERTI, U., *Os vícios capitais e os novos vícios*, São Paulo: Paulus, 2004, p. 71-79.

¹⁰⁶ LIPOVETSKY, G., *A Era do Vazio...*, op. cit., p. 13.

O narcisismo não deve ser visto apenas como uma expressão da auto-absorção hedonista, mas hoje deve ser entendido como a necessidade de grupos de pessoas “idênticas”, não estando mais na esfera da independência soberana associada, mas nas ligações e conexões com coletivos de interesses, hiperespecializados: grupos de pais, de alcoólicos, etc.

Narciso deve ser re-situado na ordem dos circuitos e das redes integradas: solidariedade de microgrupo, redes situacionais... O aspecto mais notável do fenômeno (...) é o desejo das pessoas de se encontrarem com outras parecidas, com seres que partilham as mesmas preocupações imediatas e circunscritas¹⁰⁷.

O narcisismo pós-moderno é coletivo, “pop” e “psi”, os indivíduos reúnem-se porque são semelhantes, porque trazem os mesmos objetivos existenciais. Essa categoria não afasta a premissa inicial de que estes indivíduos continuam sendo cada vez mais atentos a si mesmos, “fracos”, isto é, lábeis e sem convicção.

O narcisismo revela indivíduos incapazes de expressar seu subjetivismo, revelam-se vazios e anônimos, indiferentes a todo tipo de conteúdo, uma verdadeira conivência com a “dessubstancialização pós-moderna”, com a “lógica do vazio”¹⁰⁸.

3

Repercussões na área da sexualidade humana

Consideramos a sexualidade como um bem, um dom de Deus que se revela ao homem e à mulher, neles inscritos, estes considerados como ouvintes da Palavra, destinatários do anúncio do Reino de Deus, receptores do “grande *Sim* de

¹⁰⁷ Ibidem, p. 15. Para maior aprofundamento do mito de Narciso e sua compreensão na perspectiva de Freud, cf. MARCUSE, H., *Eros e Civilização: Uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*, 4. ed., Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969, p. 176-177. “Provavelmente, entre as piores distorções dos pensamentos de Freud está a interpretação no narcisismo como positivo e normal, a consequência apropriada de um egoísmo natural. Freud recorreu ao Mito de Narciso para ajudar-nos a compreender que o egocentrismo é indesejável. Segundo a teoria psicanalítica, amplamente apoiada em dados práticos, a pessoa que ama a si própria excessivamente acaba sofrendo de inanição emocional. O que o mito representa simbolicamente como Narciso afogando-se em sua própria imagem e, na realidade, a morte emocional da pessoa narcisista. O narcisismo leva a uma vida superficial, sem sentido, destituída de objetivos, de relações recíprocas mutuamente satisfatórias e enriquecedoras com os demais, o que representa o melhor que a vida tem a oferecer”; in: BETTELHEIM, B., *Freud e a Alma Humana*, São Paulo: Editora Cultrix, 1982, p. 119-120.

¹⁰⁸ LIPOVETSKY, G., *A Era do Vazio...*, op. cit., p. 16.

Deus à Vida”¹⁰⁹, manifestado na sua bondade infinita. Somente a partir desta nova e libertadora concepção é que se pode falar às claras e com a autoridade do Espírito Santo sobre o tema da sexualidade, tão falsamente liberado de tabus em nossa sociedade e tão pouco e pobremente explorado na sua necessidade em nossa presença pastoral.

A sexualidade humana tem sido afetada na sua compreensão e vivência a partir de todos os elementos já expostos neste trabalho. A sexualidade é parte do ser humano, é sua resposta à vida e ao outro.

Nossa intenção não está em descrever esse processo com detalhes, pois não é possível dar-se conta do mundo em virtude da aceleração de informações e expressões que saturam a dimensão da sexualidade no homem/mulher pós-modernos. Porém, importa aqui iluminar a problemática sempre a partir dos efeitos da interferência da chamada sociedade pós-moderna.

3.1.

A sexualidade humana hoje: vivência ou discurso

Giddens aponta hoje para uma “sexualidade plástica”, isto é descentralizada, livre das necessidades de reprodução; sendo caracterizada como um traço da personalidade, intrinsicamente ligada ao eu. Ao mesmo tempo, em princípio, apresenta-se como uma sexualidade livre da regra do falo, da importância subordinada à experiência sexual masculina. As mudanças que tem afetado a sexualidade são verdadeiramente revolucionárias e muito profundas¹¹⁰.

Há uma proliferação de discursos e práticas sexuais, que tem impedido nos dias atuais uma verdadeira vivência da sexualidade na sua plenitude. Caridade

¹⁰⁹ Esta expressão é utilizada pelo autor citado não somente como sub-título de sua obra em teologia moral, mas é também apontada como um novo paradigma que “aponte para uma Teologia Moral... que deixa os ranços de lado, supera os escrúpulos, enterra os traumas, espanta para bem longe os medos e se apressa em desvencilhar-se do negativismo, para abraçar com confiança o convite de Deus, acolher a proposta de Jesus Cristo e viver na força do Espírito Santo”. Cf. AGOSTINI, N., *Introdução à Teologia Moral. O Grande Sim de Deus à Vida*, Petrópolis: Vozes, 2004, p. 13-14.

¹¹⁰ Cf. GIDDENS, A., *A Transformação da Intimidade. Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas*, São Paulo: UNESP, 1992, p. 10-11; cf. CARIDADE, A., *Sexualidade: Corpo e Metáfora*, São Paulo: Iglu, 1990, p. 67-68.

citando Barthes diz que, “quando tudo se torna sexual, nada mais é sexual. O sexo está em toda parte, exceto na sexualidade”¹¹¹.

Baudrillard, fala de uma espécie de “princípio de desligação”, isto é, uma espécie de desequilíbrio, de vertigem, de complexidade e estranheza em relação a vivência da sexualidade. Pode-se falar de uma pós-orgia da modernidade, onde a liberação se dá em todos os domínios. Surgem daí os mais variados discursos na tentativa de se re-organizar e compreender o caos instalado no campo da afetividade e sexualidade¹¹².

Baseado em pesquisas, sobretudo nos Estados Unidos, Giddens aponta para alguns comportamentos que afirmam tais mudanças.

Parece haver muito mais mudanças no comportamento e nas atitudes sexuais das mulheres do que dos homens. A maior parte das pessoas, homens e mulheres estão chegando ao casamento já com uma reserva expressiva de experiência sexual, com o mesmo cônjuge ou com parceiros ou parceiras anteriores. As mulheres não se mostram mais tão passivas na relação a dois, mas esperam tanto receber como proporcionar prazer sexual, e muitas mulheres começam a considerar uma vida sexual satisfatória como um caminho para a felicidade e durabilidade do casamento. Em posse de tais pesquisas, Giddens faz suas considerações afirmando:

Inquestionável que tais transformações estão ocorrendo na maior parte das sociedades ocidentais – e em alguma extensão também em outras partes do mundo. É claro que há divergências significativas entre países, subculturas e camadas socioeconômicas diferentes... Algumas sociedades apresentam uma história de tolerância sexual mais longa do que outras e as mudanças que estão experimentando talvez não sejam tão radicais quanto nos Estados Unidos... Para as pessoas que vivem nestes contextos, sobretudo para as mulheres, as transformações que estão atualmente ocorrendo são dramáticas e perturbadoras¹¹³.

Os variados estilos de vida parecem propiciar os diversos comportamentos sexuais. Parece ser algo que cada um “tem”, ou cultiva, não mais uma condição natural, que atenda a um padrão social e religioso, que um indivíduo aceita como um estado de coisas preestabelecido. Esse fato merece investigação, mas a sexualidade tem se apresentado como uma maleabilidade do eu, um ponto de

¹¹¹ Ibidem, p. 67.

¹¹² Cf. ibidem.

¹¹³ GIDDENS, A., *A Transformação da Intimidade...*, op. cit., p. 22; cf. LIPOVETSKY, G., *A Terceira Mulher...*, op. cit., p. 11-15.45-47.62-63.68.

encontro primário entre o corpo, a auto-identidade e as normas sociais. O sexo não mais é conduzido às escondidas, mas vem sendo mostrado e discutido¹¹⁴.

Nos últimos dois séculos outras mudanças de caráter histórico influenciaram o comportamento sexual que hoje se testemunha. Particularmente em relação às pressões para que se constituíssem famílias numerosas, como na pré-modernidade, deram lugar a uma tendência a se limitar rigorosamente o tamanho da família. Estaria assim a sexualidade apartando-se de um círculo de gravidez e parto. A diminuição do tamanho da família não foi apenas uma condição histórica, mas uma consequência da introdução de métodos modernos de contracepção. A idéia da contracepção não se limitava apenas ao controle da procriação, mas marcou profundas mudanças na vida pessoal, sobretudo das mulheres, tornando a sexualidade flexível, sujeita a ser assumida de diversas maneiras, como uma “propriedade” potencial do indivíduo¹¹⁵.

Houve avanços tecnológicos neste setor marcando uma diferenciação cada vez mais nítida entre sexo e reprodução. Hoje esta diferenciação parece completa e não acarreta mais “problemas ou conflitos”, assim imagina a sociedade. A sexualidade conquistou sua autonomia. A reprodução é uma escolha livre e pode ocorrer com ou sem a atividade sexual; “esta é uma ‘libertação’ final para a sexualidade, que daí em diante pode tornar-se totalmente uma qualidade dos indivíduos e de suas relações mútuas”¹¹⁶.

Não se pode esquecer a questão dos gêneros masculino e feminino que refletem hoje a “revolução sexual” sofrida nos últimos quarenta anos. Dois elementos podem ser realçados; o primeiro é a revolução na autonomia sexual feminina, trazendo consequências para a sexualidade masculina, revolução ainda inacabada; e a outra é o florescimento da homossexualidade, masculina e feminina.

Para Giddens, não se pode deixar de constatar que a heterossexualidade não é mais um padrão pelo qual tudo o mais é julgado.

Expressa de outra maneira, a diversidade sexual, embora ainda encarada como perversão por muito grupos hostis, saiu dos cadernos de anotações dos registros de Freud para o mundo social cotidiano¹¹⁷.

¹¹⁴ Cf. GIDDENS, A., *A Transformação da Intimidade...*, op. cit., p. 25.

¹¹⁵ Cf. *ibidem*, p. 36-37.

¹¹⁶ *Ibidem*, p. 37.

¹¹⁷ *Ibidem*, p. 44.

3.2.

O neoliberalismo e o mercado sexual

É fato de que a cultura gera um impacto sobre os comportamentos sexuais e isso vem sendo notado incisivamente a partir da segunda metade do século XX. Este fenômeno encontrou sua acentuação através do influxo dos meios de comunicação social e das grandes mudanças ocorridas durante o século, pois as mudanças comportamentais na área sexual estão vinculadas a outras mudanças, sejam as sócio-culturais, político-econômicas, teológicas e até eclesiais.

Uma verdadeira reviravolta se deu em todos os segmentos sociais e estes fenômenos estão conjugados ao avanço da tecnologia, da industrialização, da urbanização, da dessacralização, da modernidade, da pós-modernidade, e hoje mais do que nunca da globalização.

Dos padrões comportamentais da cultura rural, pré-industrial, aos tempos atuais da vida urbana, há uma virada profunda e acelerada na maneira de pensar e de comportar-se. Na atualidade, vive-se a insegurança generalizada, inclusive nas determinações e referências morais.

No período da modernidade, o que valia era a conquista técnico-científica, marcada pelo sonho de uma sociedade transformada. Na pós-modernidade, não há sentido no fator “compromisso”, na renúncia, no diálogo; tudo é fluído, líquido, volátil. É um tempo “light”, no aspecto religioso, social e moral¹¹⁸.

A economia está erotizada, através da instrumentalização político-ideológica da sexualidade. Para Moser, esta instrumentalização se dá de maneira direta e indireta. Diretamente, estariam vinculados todos os artifícios da exploração sexual através da prostituição, pornografia, sex-shops, o mercado da estimulação sexual, o que alimenta o grande filão comercial das sociedades neoliberais. Indiretamente, estão os produtos associados à sexualidade; tudo pode ser visto e comprado sob o prisma sexual. É a cultura sexual que vai gerando consumidores dependentes. A dialética do consumidor-produtor ganha espaço, sendo alimentada pelo contexto político-econômico. É uma grande força estratégica do sistema neoliberal.

¹¹⁸ Cf. MOSER, A., *O Enigma da Esfinge. A Sexualidade*, Petrópolis: Vozes, 2001, p. 86-88; cf. LIPOVETSKY, G., *A Terceira Mulher...*, op. cit., p. 130-153.

O consumo vem embalado pelo corpo, feminino e masculino; o prazer sexual passa a ser o grande gerador de auto-realização e felicidade, e para isso milionários investimentos são colocados à disposição do mercado¹¹⁹.

O erotismo está mergulhado e misturado na cultura de massas. O neo-individualismo liberta a prática sexual das antigas obrigações, e ao mesmo tempo cria normas instaurando uma nova ordem amorosa, com autonomia dos sujeitos, combinando autonomia e regularidade dos costumes, retirando o rigorismo moralista, dando espaço para os prazeres eróticos. Hoje, fala-se sobre sexo em todos os lugares, em programas de TV, através da moda, nas escolas e rodas de debates entre jovens; porém, no cotidiano, na vida privada, o assunto encontra pouca ressonância. Parece haver uma incoerência, uma desordem generalizada.

Divulga-se a multiplicidade de parceiros, a troca de parceiros, a sodomia, a homossexualidade, as relações sexuais ocasionais, as mais variadas e inovadoras “posições” sexuais, uma liberação sem culpa, que estaria sendo legitimada pela idéia de modernidade e normalidade; todavia, as pesquisas revelam que a prática ainda é de uma minoria, não correspondendo à abrangência do discurso¹²⁰.

Há uma espécie de “forçassão de barra” ao mostrar as intimidades falseadas, forçadas, maquiadas pela fantasia através dos discursos, conversas de bar, e até em programas de Reality Show, com disparado ibope. Uma urgente necessidade de auto-afirmação sendo alimentada cruelmente pelo maquiavélico mercado e pela cultura sexual.

A sedução é promovida, assimilada à época do consumo, alargando a esfera da alienação e do desapossamento. O ser humano é reduzido à categoria de objeto e pelo sexo-máquina que é capaz de fazer desaparecer toda e qualquer verdadeira sedução. Sedução e erotismo são reduzidos e banalizados.

Não se pode, por fim, deixar de citar que a sexualidade pode ser facilmente usada como elemento apaziguador dos ânimos, das massas inquietas e questionadoras, pois pode vir a ser um instrumento alienante, nas mãos de uma “política” castradora. A exploração da sexualidade muitas vezes pode estar ligada à intenção de afastar a população em geral dos problemas sociais centrais. O próprio contexto das condições de vida e de trabalho de grande parte da população

¹¹⁹ Cf. MOSER, A., *O Enigma da Esfinge...*, op. cit., p. 101-103.

¹²⁰ Cf. LIPOVETSKY, G., *O Crepúsculo do Dever...*, op. cit., p. 72-73.

intensificam a desumanização das pessoas e da sexualidade. Passa a ser um fator de ordem ideológica e política.

“O fato é que quem se entrega ao consumo do sexo – como também a qualquer outro vício – se aliena social e politicamente”¹²¹.

As pesquisas revelam que as mulheres e os jovens são alvos certos do jogo manipulador do mercado sexual. Um perigo parece iminente, quando a indústria cultural fomenta no meio da juventude, a idéia de um pensamento único, ou de “teses inquestionáveis”, como por exemplo que a sexualidade é constituída de um impulso irresistível, que deve ser satisfeito a qualquer preço; ou que a pessoa é dona de seu próprio corpo e de sua vida, podendo fazer o que quiser sobre isso; e uma terceira tese colocando o sentimento numa primazia absoluta, confundindo-o na maioria das vezes com um prazer momentâneo¹²².

As tentativas de alienação são cada vez mais camufladas, podendo aparecer inclusive através das campanhas que são veiculadas pelos meios de comunicação social e acabam fazendo parte da opinião pública, legitimadas, como forma de se fazer “sexo seguro”.

Os recursos provenientes dos meios de comunicação social tem ajudado em muito na composição de uma sociedade bem interligada em redes e capaz de evoluir tecnologicamente. Pela informatização o mundo está conectado mais facilmente, favorecendo uma troca e consumo de informações, de veiculação de imagens, de idéias, de diferenças. Porém, a mídia não é capaz de produzir propriamente os valores morais, mas reforça intencionalmente aqueles que veicula. Mesmo virtualmente alguns modelos, sobretudo interferindo sobre o comportamento da juventude, são reforçados, são utilizados como instrumentos de manipulação e indução para se obter os resultados finais previamente articulados¹²³.

No fundo, cria-se a ilusão de cidadãos livres, independentes, revolucionários em relação às Instituições que buscam uma outra maneira de educar a população, a partir da crítica, da reflexão e da verdadeira expressão de liberdade.

¹²¹ MOSER, A., *O Enigma da Esfinge...*, op. cit., p. 103.

¹²² Cf. *ibidem*, p. 104.

¹²³ Cf. FABRI DOS ANJOS, M., *Juventude e valores morais...*, op. cit., p. 542.

Na realidade, elas são habilmente jogadas ora para um lado ora para o outro; e tanto de um lado quanto do outro, são mantidas à margem da marcha da sociedade, canalizando suas energias para problemas de ordem menor¹²⁴.

3.3.

A representação social do corpo

Não se pode falar de sexualidade sem que se toque na questão do corpo e, para Lipovetsky, a representação social do corpo sofreu também uma profunda mudança; um novo imaginário social deste corpo surge, desembocando no narcisismo. O corpo teria perdido o seu estatuto de alteridade, de materialidade muda, em vista de sua identificação como ser-sujeito, com a pessoa.

O corpo já não designa uma abjeção ou uma máquina, designa a nossa identidade profunda da qual não há motivo para ter vergonha e que pode, portanto, exhibir-se nua nas praias ou nos espetáculos, na sua verdade natural. Enquanto pessoa, o corpo ganha dignidade; devemos respeitá-lo, quer dizer zelar permanentemente pelo seu bom funcionamento, lutar contra a sua obsolescência, combater os signos da sua degradação através de uma constante reciclagem cirúrgica, desportiva, dietética, etc.: a decrepitude “física” tornou-se uma torpeza¹²⁵.

O medo do envelhecimento e da morte faz parte da cultura neo-narcisista; o desinteresse pelas gerações futuras intensifica a angústia da morte, enquanto degrada-se as condições de vida dos idosos. Há uma necessidade permanente de valorização, de ser admirado e desejado pela beleza, pelo encanto, pela celebridade. É um processo de personalização que vai tentando postergar a realidade do envelhecimento e da morte.

No campo dos relacionamentos não é diferente, pois as relações estão se dando de maneira interindividuais, sem que haja uma ligação profunda, protegendo da vulnerabilidade, reforçando uma independência afetiva; um pouco o perfil de Narciso. Há uma fuga dos sentimentos, medo das paixões e da decepção.

¹²⁴ MOSER, A, *O Enigma da Esfinge...*, op. cit., p. 105.

¹²⁵ LIPOVETSKY, G., *A Era do Vazio...*, op. cit., p. 58; cf. CONTALDO, S. M., *Modernidade, pós-modernidade e corporeidade: uma visão filosófica*, in: SOTER (Org.), *Corporeidade e Teologia*, São Paulo: Paulinas, 2005, p. 89-96.

Quando se prega (...) as relações livres, quando se condenam o ciúme e a possessividade, trata-se de fato de climatizar o sexo, de o expurgar de toda a tensão emocional e de conseguir assim um estado de indiferença, de desprendimento, não só a fim de o indivíduo se proteger contra as decepções amorosas, mas também contra os seus próprios impulsos, que podem sempre ameaçar o seu equilíbrio interior¹²⁶.

O corpo hoje, na maioria das vezes, é visto como consumidor. Esse corpo possui desejos e, é estimulado continuamente para sentir mais desejos¹²⁷. Assim sendo a máquina produtora pode funcionar alimentando mais e mais os lucros capazes de alimentar um capital e uma economia manipuladora. Nesse processo o desejo é tão necessário que há mecanismos técnicos para o estimularem e colocarem à serviço do convencimento para o consumismo¹²⁸.

Aliado à questão do corpo, à indiferença emocional e afetiva, um paradoxo fica evidenciado através de uma excessiva preocupação com a aparência, com os resultados e com a performance sexual. Por trás disso uma indústria se levanta, dietas, cirurgias plásticas, colocação de silicone nas mamas, alternativas terapêuticas para aumento do tamanho do pênis, medicações inovadoras, embora ainda pouco exploradas nos seus efeitos colaterais, são utilizadas não apenas como tratamento necessário nos distúrbios de ereção, mas como estimulantes e aumentadores da performance sexual masculina. Numa sociedade de aparências, é importante saber impressionar.

Na sociedade pós-moderna com tecnologia avançada, a valorização do corpo está diretamente ligada ao fator econômico, isto é, com a capacidade de mobilizar o público para a compra. Um belo homem e uma bela mulher são os “garotos e garotas propaganda”¹²⁹.

Há uma emergência do corpo, e até um certo “culto do corpo”, pelo menos por alguns corpos. Uma vasta e interesseira indústria atlética, plástica, cosmética tenta responder à demanda pela produção de corpos perfeitos, eficientes, inabaláveis. Sabe-se que no passado houve uma certa expropriação do corpo,

¹²⁶ Ibidem, p. 72.

¹²⁷ Sobre o desejo na sua essência, como um valor e marca reais da sexualidade cf. CARIDADE, A., *A Sexualidade: Corpo e Metáfora*, op. cit., p. 30-39; cf. PINTO, M. J., “De volta ao começo” – *Estudo sobre a bondade da Sexualidade Humana e suas implicações para o exercício da alteridade, a partir da obra de Eric Fuchs, “Le désir et la tendresse”*, Dissertação (mestrado), Rio de Janeiro, 1996, p. 55-59.

¹²⁸ Cf. COMBLIN, J., *Cristianismo e Corporeidade*, in: SOTER (Org.), *Corporeidade e Teologia...*, op. cit., p. 18.

¹²⁹ MOSER, A., *O Enigma da Esfinge...*, op. cit., p. 54.

porém, hoje há uma reapropriação e mesmo um culto desmedido. A busca pelo condicionamento físico e da capacidade de viver prazerosamente hoje é um imperativo na vida não só das mulheres mas também dos homens¹³⁰.

A sutileza de tudo é que o corpo continua sendo a expressão e manifestação da nossa existência, o mediador e a base dos relacionamentos, remete-nos a uma classe social, faz-nos interagir com o cosmos e nos aponta para uma realidade maior que nós¹³¹.

Reduzir a sexualidade a um território sem limites, onde tudo é antecipadamente legitimado é uma aberração, podendo levar a hipertrofia sexual e uma atrofia antropológica. Não se pode dissociar a sexualidade do todo humano; caso contrário esta pode enclausurar-se na solidão narcisista, diz Arduini¹³².

3.4.

A interferência da pós-modernidade sobre a moral

A experiência moral afeta o homem em todas as suas dimensões pessoais, sociais e existenciais, é uma experiência que perpassa o interior de todas as estruturas da convivência humana e toca indistintamente todas as formas e modalidades através das quais a pessoa se expressa¹³³.

A grande pergunta ética está inscrita no mais profundo de todo ser humano e constitui uma das interrogações mais incisivas da vida e do pensamento, é por certo uma pergunta sobre o que “devo fazer” e, portanto, sobre a forma de construir a própria existência¹³⁴.

¹³⁰ Cf. ibidem; cf. PINTO, M. J., “De volta ao começo”..., op. cit., p. 51-55.

¹³¹ Cf. MOSER, A., *O Enigma da Esfinge...*, op. cit., p. 60-67.

¹³² Cf. ARDUINI, J., *Antropología...*, op. cit., p. 121-122.

¹³³ Cf. ZULETA, G., *Que es qué hay del discurso teológico moral hoy, después del Concilio Vaticano II*, Cuestiones Teológicas, v. 30, n. 73, Medellín, Colombia, 2003, p. 58.

¹³⁴ Cf. ibidem.

Valadier defende a tese, acompanhado de outros especialistas, de que na sociedade moderna, vai impor-se lentamente uma nova ordem moral, instalada por pequenos, mas contínuos toques e impulsos fragmentários. Seria na realidade uma moral em desordem¹³⁵.

A partir do Iluminismo, nos modernos já surgia um desejo de avançar para uma moral independente dos dogmas religiosos, livre dos medos e das repressões, uma ética moderna laica, e isso precisamente entre 1700 e 1950. Trata-se de um movimento de emancipação do espírito religioso. Esse primeiro ciclo moderno da moral funcionou como uma religião do dever laico, porém chegou ao seu término, e um novo período se instaurou, dessa vez não apenas colocando a ética na esfera independente das religiões reveladas, mas dissolvendo socialmente a sua forma religiosa: o próprio dever. É a idade do pós-dever¹³⁶.

Para melhor compreender o que foi determinado como “idade do pós-dever”, cabe uma palavra breve sobre as etapas em que a moral teria passado, estas caracterizadas em pelo menos três fases históricas: uma primeira fase, historicamente mais longa, que foi a “era teológica” da moral, até o início do Iluminismo, quando a moral era pregada sob a perspectiva dos mandamentos de Deus, e somente através da Bíblia e na Igreja os homens poderiam conhecer o caminho das verdadeiras virtudes; uma segunda fase, chamada de “laica moralista”, até o século XX, quando os modernos procuraram empreender as bases de uma moral independente da Igreja, e esta fase encontrou fortes ecos em Voltaire e Kant. A ética encontrava caminhos de valor superior à própria religião, provocando uma inversão de primazia; e uma terceira fase, que parece ser a que se vive hoje, chamada por Lipovetsky de “fase pós-moralista”, a qual rompe, embora

¹³⁵ Cf. VALADIER, P., *Moral em Desordem...*, op. cit., p. 13. O autor deu esse título a sua obra, não para conferir um tratado de moral, mas para falar sobre a moral, sem muito nexos, sem muita organização, mas evocando algumas preocupações que vem surgindo a partir da atualidade ética. É interessante transcrever o que o autor explicita, com muita clareza, sobre o que vem a ser a reflexão moral e a ética: “Ela leva em conta os problemas postos pela vida individual e coletiva: confronta-os com as normas, os valores e os princípios correntes admitidos em uma sociedade dada. Essas referências constituem a ética, termo que designa esse ‘meio’ em que estão mergulhadas as coletividades humanas e graças ao qual tecem, modelam e estruturam suas diversas relações, formado tanto por regras do bem-viver, dos direitos costumeiro e escrito, como pelos princípios da vida comum, recebidos pelas tradições daquela sociedade”.

¹³⁶ Cf. LIPOVETSKY, G., *O Crepúsculo do Dever...*, op. cit., p. 16.

complementando-o, o processo de secularização acionado no fim do século XVII e século XVIII¹³⁷.

A era pós-moralista, defendida por Lipovetsky, não deve levar nem ao sonho da ressurreição do dever maximalista, nem aos exageros de uma recuperação da ética; mas deve reafirmar a primazia do respeito pelo homem, denunciar as armadilhas do moralismo, promover éticas mais eficazes e inteligentes nas empresas e nos diversos ambientes, favorecer compromissos, sempre em consonância com as circunstâncias, com os interesses e as exigências em vigor.

Se o moralismo é algo reprovável pela sua insensibilidade e austeridade no campo do individual e social, o neo-liberalismo econômico por outro lado, tem fraturado e fragilizado a comunidade, gerando uma sociedade dual, uma vez que assegura a lei dos mais ricos, comprometendo o futuro¹³⁸.

Parte-se do princípio de que nas épocas pré-modernas a moral procede de uma essência teológica, estando ligada, enraizada na esfera do sagrado, do religioso. “No princípio da moral estava Deus”¹³⁹. Essa posição teocêntrica foi por muito tempo reforçada, sobretudo ao longo do século XVII, contra os desvios do pelagianismo. A idéia de que fora da Igreja não existe moral e, sem a ajuda da fé, a virtude não tem qualquer valor perdurou desastrosamente.

A vinculação da moral à religião foi rejeitada violentamente pelos modernos. O advento da modernidade vem acompanhado com a afirmação de uma moral livre da autoridade eclesial e das crenças religiosas, estabelecidas numa base humana-racional, sem recurso às realidades reveladas.

Separar a moral das confissões religiosas, pensá-la como uma ordem independente e universal que remete apenas para a condição humana e que tem prioridade sobre as outras esferas, nomeadamente as religiosas – esse processo de secularização da

¹³⁷ Cf. idem, *Metamorfoses...*, op. cit., p. 23-28. Cabe acrescentar que o autor citado faz uma importante distinção entre sociedade pós-moralista e sociedade pós-moral. A sociedade pós-moralista, a que nos interessa, é justamente a sociedade que exalta ainda mais os desejos, o ego, a felicidade, o bem-estar individual, do que o próprio ideal de abnegação. Desde 1950-1960, a sociedade sofreu uma mudança nos seus imperativos referenciais, isto é, abandonou os ideais sacrificiais, pela felicidade, pelo sucesso pessoal, pelos direitos dos indivíduos, mas do que por seus deveres. “A época pós-moralista coincide com o eclipse e a deslegitimação das morais coletivas sacrificiais”.

¹³⁸ Cf. ibidem, p. 23-25; para maior descrição sobre a moral e a ética, cf. AGOSTINI, N., *Teologia Moral...*, op. cit., p. 38-42. 123.252; *Moral Cristã: Temas para o dia-a-dia Nesta hora da Graça de Deus*, Petrópolis: Vozes, 2004, p. 15.18.

¹³⁹ LIPOVETSKY, G., *Metamorfoses...*, op. cit., p. 27.

ética impulsionado no século XVII é, sem dúvida nenhuma, uma das figuras mais significativas da cultura democrática moderna¹⁴⁰.

Em todas as esferas política, moral e econômica, os modernos colocaram os direitos soberanos dos indivíduos em primeiro lugar: direitos do homem, do prazer, da livre satisfação, etc.

Há uma tentativa de ruptura ideológica com o passado. Antes do Iluminismo, havia a idéia de que, sem o Evangelho e a fé num Deus punidor dos erros e recompensador da virtude, nada podia impedir o homem de optar pelo mal. Sendo assim fora da religião, as virtudes seriam irreais, apenas a revelação e a fé num Deus justiceiro estariam em condições de assegurar a moralidade. Este axioma tradicional foi recusado e destruído pela ofensiva dos modernos.

Nasceu uma nova cultura constitutiva dos tempos da autonomia pós-teleológica: a obrigação moral deixa de ser imposta de fora, é imposta a partir do solo profano da vida humano-social, o seu exercício deixa de requerer, quer o socorro transcendente, quer o freio celeste¹⁴¹.

Apesar dos elos entre moralidade e teologia não serem totalmente cortados, o movimento de separação da ética em relação às crenças religiosas coloca-se em defesa através do positivismo, do neocriticismo, do ateísmo e do anti-clericalismo.

Mesmo que as críticas e ataques tivessem sido incisivos contra o atrelamento da moral à fé, a corrente teísta, no início do século XX, permanecerá fiel ao imperativo do “Deus recompensador e vingador”, indispensável para orientar os homens na sua conduta moral. A Igreja reagiu fortemente aos embates dos filósofos e Roma incluiu no index os manuais onde figuravam os princípios da moral laica; e não faltaram clérigos que ameaçaram esses autores com a privação dos sacramentos. Esses clérigos reforçavam que o “dogma do fundamento teológico da moral é solenemente reafirmado; a ‘moral sem Deus’ não passa de uma ‘moral de fórmulas no ar’, incapaz de formar pessoas honestas; deixando os homens entregues a si próprios, ela produz ‘insubmissos, ladrões, assassinos, bandidos de toda espécie’”¹⁴².

¹⁴⁰ Ibidem, p. 28.

¹⁴¹ Ibidem, p. 35.

¹⁴² LIPOVETSKY, G., *Crepúsculo do Dever...*, op. cit., p. 37.

Por mais que o processo de laicização da sociedade tenha avançado, a moral sexual permaneceu sob a guarda da moral cristã; e esta desenvolveu-se de maneira não igualitária. Tudo o que se relaciona com a sexualidade, com a família, com os pobres, funde-se na forma do dever. Uma visão moralizadora estruturou o primeiro momento das sociedades democráticas individualistas, disciplinar e idealista, materialista e austera, liberal e autoritária, filantrópica e inquisitorial. No âmbito da vida sexual configura-se a cultura do dever¹⁴³.

Hoje parece haver um sentimento de dissolução da moral com o recuo da influência da Igreja, dando lugar à ascensão do “rei” dinheiro e do neo-individualismo. Porém se há uma impressão de ausência moral, de uma amoralidade, nunca se presenciou tal empenho em busca de uma ética social. A ética ganha as primeiras páginas dos jornais, virou discurso, multiplicaram-se as comissões de ética e bioética, busca-se uma exigência ética em todos os setores sociais: políticos, econômicos, filantrópicos e outros. Pode-se dizer que há uma revitalização da exigência ética na cultura cotidiana, em vista da mídia, do consumo, da publicidade, amplamente dominados pelo bem-estar individual, pelo lazer, pelo neo-narcisismo e tantos outros valores hodiernos. Continua sendo um paradoxo, um quadro de ambigüidades. Há de fato uma “morte” da moral ou uma outra forma de se compreender os novos valores, ou segundo Lipovetsky, uma “ressurreição” dos valores?¹⁴⁴.

Não há dúvidas de que se vive uma situação inédita, pois a exigência ética se faz cada vez mais presente.

Uma sociedade moderna só faz acrescentar mais complexidade. Uma reflexão moral que não levasse em conta essa realidade para defender a pureza dos princípios poderia ser louvada por ter as mãos limpas, ou princípios admiráveis, mas – o que é mais grave – poderia ser acusada de não ter as mãos machucadas pelo rude contato com as coisas, ou de colocar princípios sem indicar as vias pelas quais são respeitados. Seria, pois, uma moral de fato imoral, porque incapaz de ajudar os homens a assumir humanamente sua vida na complexidade de suas determinações¹⁴⁵.

Em contrapartida, não se exige mais das pessoas um maior devotamento, uma doação de si, um altruísmo ou verdadeiros atos de heroísmo. Deve-se notar

¹⁴³ Cf. *ibidem*, p. 43-44.

¹⁴⁴ Cf. *idem*, *Metamorfoses ...*, op. cit., p. 23.

¹⁴⁵ VALADIER, P., *Moral em desordem...*, op. cit., p. 15.

que não há uma moral “nova” criada, ou inventada pelas circunstâncias sociais, mas uma renovação social da forma dos valores, uma outra maneira de se compreender e viver as regras sociais da ética. Se de um lado percebe-se um comportamento social bastante individualista, de outro se vê grandes manifestações de sensibilidade humana diante de catástrofes e situações limite. No meio do individualismo surgem também gestos de profunda solidariedade. Outra vez a ambigüidade domina o cenário social. O paradoxo da era pós-moralista, onde quanto mais sobressaem os desejos individualistas, mais os gestos morais de generosidade e benevolência são incentivados, mesmo que por um breve espaço de tempo. A crise, a catástrofe, o desastre logo são minimizados pelas ações solidaristas, porém muitas vezes não são resolvidos os problemas, os dramas humanos, nas suas raízes e conseqüências que serão produzidas em decorrência das fatalidades. Ações intensas no momento, seguidas de memória curta; passa a crise, muda-se o foco das atenções.

O certo é que não existe vazio ético, e o desaparecimento ou o enfraquecimento de alguns valores ético-morais não acontecem sem que novos valores surjam, mesmo que dissimulados. Nenhuma sociedade pode chancelar a falsa idéia de um “vazio ético”, pois outros sistemas, às vezes até com grande peso ameaçador, tomam o lugar do que parece esvaziado de sentido¹⁴⁶.

Percebe-se de fato uma nova ordem instalada que muitas vezes se expressa de maneira impiedosa, com os olhos totalmente fechados aos “desastres familiares, conjugais e afetivos que provoca, ou quando se recusa apreciar em termos humanos os ‘custos’ de uma ideologia libertária que tem por resultado o desequilíbrio psicológico e mesmo o desmoronamento mental”¹⁴⁷.

No campo da sexualidade, as influências produziram também violentas repercussões; há uma idéia de “liberdade”, ou pseudo liberdade, onde cada um está livre para fazer o que quiser, sem que a sociedade o cobre ou condene por seus atos. A idéia é de que não há erro quando o consentimento se dá entre adultos. Embora o prazer, a sexualidade e a satisfação do desejo sejam endeusados, não se pode dizer que a sociedade está inteiramente entregue às anarquias sexuais, às orgias, à total dissipação do pudor e do bom senso. A

¹⁴⁶ Cf. *ibidem*, p. 35.43-46.

¹⁴⁷ *Ibidem*.

promiscuidade e a indisciplina sexual não podem ser generalizadas. O que se constata é que na realidade, a vida sexual continua privada a limites precisos.

As bacanais, as trocas de parceiros, as relações sexuais com uma pessoa conhecida no mesmo dia, continuam sendo experiências minoritárias. Ao menos nesse campo, a liberdade serve de freio às liberdades. O mundo da liberdade individualista não leva à desordem sem freios dos costumes. Nesse sentido, a cultura pós-moralista funciona como uma “desordem organizadora”: o liberalismo cultural gera mais costumes “moderados” que costumes dissolutos¹⁴⁸.

Há somado a tudo isso uma justificativa muito mais psicologizante, do que propriamente uma obrigação moral. “A cultura dos deveres relativos a si mesmo foi substituída pela dos direitos individualistas e da gestão funcional de si em nome do máximo de bem-estar”¹⁴⁹.

Valadier vai nos falar sobre uma humanidade sem rosto, que vai exigir uma grande preocupação por parte dos moralistas. É uma humanidade ferida, marcada pela globalização. É uma humanidade da mundialização ou da internet.

A humanidade já não está somente arrastada globalmente por um destino que convém ou conviria dominar, o que já coloca uma questão moral lancinante: esse domínio é possível, e sob que condições? Além disso, essa humanidade vive uma estranha interferência de decisões, umas em relação á outras, o que constitui uma segunda novidade, desorientadora para o moralista, como aliás para os que tomam decisões em geral. Já há certo tempo alguns sociólogos têm chamado a atenção para os que eles denominam “fenômenos perversos”, isto é, efeitos não desejados e nocivos de decisões que no entanto, em si mesmas, são justas e bem fundadas. É que a interação de redes de causas independentes nas quais vem a “cair”, por assim dizer, a decisão desvia seus efeitos, ou os modifica profundamente... De um lado, há muitas realidades que afetam o comportamento dos homens e que ninguém queria como tais; de outro lado, há casos em que as conseqüências são propriamente imprevisíveis¹⁵⁰.

Todavia não se pode permanecer no pessimismo, mas compreender o tempo em que se vive é indispensável. Compreender a incompreensibilidade dos paradoxos é o início do caminho. Embora o culto do tempo presente domine o coração humano, há preocupações relativas ao futuro; apesar da cultura neo-individualista, as pessoas continuam a expressar suas indignações diante do que lhes parece escandaloso e inconcebível. O fenômeno do voluntarismo reforça que o senso moral não se extinguiu.

¹⁴⁸ LIPOVETSKY, G., *Metamorfoses...*, op. cit., p. 37.

¹⁴⁹ *Ibidem*, p. 27.

¹⁵⁰ VALADIER, P., *Moral em desordem...*, op. cit., p. 19.

É muito relevante falar-se de um “politeísmo de valores”. Em suma, a sociedade está marcada pela pluralidade moral e não pelo niilismo moral.

Conclusão

A pergunta que nos incomoda e motiva ao mesmo tempo seria de como dialogarmos com o fragmento?

Mardones responde que não temos respostas para isso. O diálogo exige acolhida sincera do outro, do diferente, abertura às novas interpelações e possibilidades de transformação que se colocam no caminho. Esta tarefa não é fácil para uma Igreja fortemente institucionalizada e hierarquizada. Acolher dentro de si o fragmento parece ser um desafio de profunda complexidade. A realidade de um relativismo cultural, fortalecido em nosso tempo, deve ser um caminho de aprendizado¹⁵¹.

Dentro deste contexto, a Igreja não está indiferente e certamente é condicionada por esses efeitos.

González Faus afirma que,

... a pós-modernidade condiciona a Igreja porque a Igreja é visível e, portanto, está necessariamente submetida à percepção, à opinião e ao julgamento (corretos ou não, porém inegáveis) do mundo ao qual se dirige¹⁵².

A Igreja tem uma tarefa difícil para cumprir e tem clareza que deve falar aos homens nas suas respectivas culturas, hoje não mais tão homogênea, tal qual como se dava nas sociedades tradicionais. Impõe-se uma pluralidade de linguagens¹⁵³.

¹⁵¹ Cf. MARDONES, J. M., *Postmodernidad y Cristianismo...*, op. cit., p. 154.

¹⁵² GONZÁLEZ FAUS, J. I., *Desafio da Pós-Modernidade...*, op. cit., p. 51.

¹⁵³ Entende o autor por *linguagem*, “o quadro referencial no qual o indivíduo se constitui e se desenvolve como ser humano. É o que penetra intimamente, o que explica adequadamente, o que orienta decisivamente sua vida e seu discurso, seu comportamento e suas idéias, sua vida vivida e seus sonhos futuros”. Cf. FRANÇA MIRANDA, M., *Inculturação da Fé...*, op. cit., p.10.

França Miranda acrescenta:

É fundamental que o anúncio do Evangelho esteja inserido nesse quadro cultural, seja por ele entendido, apareça como fator de identidade, convença como referência vital, possibilite experiências marcantes, determine a vivência cotidiana, ilumine o sem sentido, fortifique na crise, desperte esperança e abra o futuro. Nada disso, porém, acontecerá sem um encontro profundo entre o *Evangelho* e a *cultura*¹⁵⁴.

A vida concreta do ser humano está iluminada e sensível à cultura¹⁵⁵, onde o mesmo está inserido, e a fé parece tornar-se mais viva na medida em que consegue penetrar na visão de mundo e nos padrões de comportamento que regem cada cultura.

Não será com belas declarações de generosidade que se conseguirá ter mais justiça e mais humanidade. Será preciso, para fazer recuar o individualismo irresponsável, mobilizar as inteligências, formar e qualificar os homens, regular o mercado e a globalização, inventar dispositivos mais favoráveis aos países em desenvolvimento... A ética não está somente nas intenções nobres de generosidade, mas na solidariedade inteligente, na busca de compromissos humanistas entre o possível e o ideal, a eficácia e a justiça social¹⁵⁶.

Os desafios para a evangelização são muitos e urge buscar compreender essa torrente de ambivalências que têm afetado o ser humano de maneira construtiva ou até nefasta.

O capítulo descrito procurou mostrar com que face a sociedade atual, também assumida como “pós-modernidade” por alguns autores, tem se apresentado. As repercussões sobre o ser humano são inegáveis e se encontram ainda em construção. Projetando-se sobre a questão da sexualidade todo um movimento dinâmico de efeitos vão somando-se, como por exemplo, o mecanismo gigantesco do neoliberalismo influenciando diretamente nas atitudes e nas formas de se viver e encarar a sociedade e o outro.

Os “frutos” desse tempo nos interpelam e desafiam: o individualismo, o neoneo-narcisismo, o consumismo, dentre outros.

O grande desafio para nós, parece estar na formação do homem pós-moderno a partir de valores mais profundos que sedimentam a vida humana e a sexualidade propriamente dita, objeto do nosso estudo. A sociedade é um lugar de

¹⁵⁴ Ibidem.

¹⁵⁵ Cf. ibidem, p. 47.

¹⁵⁶ LIPOVETSKY, G., *Metamorfoses...*, op. cit., p. 39.

desafios, mas também de certezas para a moral cristã; pois comunicar a riqueza da sexualidade humana como um dom de Deus, um chamado à vida, é uma premissa para que o homem se realize plenamente. O cristianismo, na sua identidade mais profunda, deve ser instrumento para que o ser humano encontre a sua centralidade, o seu eixo existencial. “Como ser-no-mundo, o homem só se realiza por meio do mundo, e ao se realizar humaniza o mundo”¹⁵⁷, não há dúvidas para nós de que a sexualidade faz parte desse processo de auto-realização e humanização. É para este mundo hodierno, esse universo fragmentado, esse contexto pluricultural que as tendas do Anúncio de Jesus Cristo, sua novidade, salvação e seguimento devem ser alargadas.

A Igreja está atenta e consciente da sua tarefa primordial de ser sacramento, sinal da graça de Deus neste mundo pluricultural, heterogêneo, profundamente questionador e dinâmico.

Diante do que já foi exposto neste capítulo, faremos no próximo uma explicitação dos principais Documentos do Magistério Eclesial a partir do Concílio Vaticano II em relação à Moral e especificamente sobre a Ética Sexual Cristã. O caminho está aberto a fim de se procurar encontrar entradas para o diálogo com o mundo atual. Caminhamos entre certezas e desafios, na esperança de que o “encontro” já está acontecendo.

¹⁵⁷ FRANÇA MIRANDA, M., *Inculturação da Fé...*, op. cit., p. 46.